RELAÇÃO ESSENCIAL -
REQUISITOS & EXIGÈNCIAS

Amadeu António

O SENTIDO E OS MEIOS SÃO OS FACTORES DE IMPORTÂNCIA
OS FINS SEGUEM DE FORMA INEVITÁVEL

CRIAÇÃO DA RELAÇÃO FUNDAMENTAL

Já falamos sobre a magia das relações, já abordamos o sexo e a sexualidade, falamos sobre o amor, sobre amar e ser amado, falamos sobre a intimidade e a magia que tal processo pode envolver, mas esta noite vamos estender-nos além desses debates até um nível de consciência e de ação mais funda e elevada e por conseguinte, a um nível mais fundo e elevado de sucesso na criação daquilo que constitui um maior relacionamento na vossa vida. Vão aprender como criá-lo passo a passo, insinuação após insinuação, pouco a pouco — a desenvolver, a criar e de seguida a experimentar esse relacionamento primordial.

Tal conceito poderá parecer-lhes tão emocionante quanto assustador; e é emocionante e assustador ao mesmo tempo por envolver algo por que cada um de vós há muito anseia alcançar e procura conseguir, por meio de seminários, e por meio da leitura de livros sobre autoajuda, e ao se acomodar à indefinição que caracteriza as relações em geral e o relacionamento máximo em específico. O conforto causado pela indefinição é emocionante e assustador demais para anular.

É igualmente emocionante e assustador por esta noite se ir fazer um apelo ao blefe da vossa parte, (riso) por esta noite se ir cravar as unhas que restam no botão da saída de emergência (riso) que têm usado como razão do tipo: *"Porque não?"* É igualmente emocionante e assustador por estarem preparados, mais preparados do que poderão alguma vez ter estado, para aprender — e mais do que isso — para efetivamente começarem a experimentar essa coisa chamada relação primordial.

Neste ano de 1988, parte desse componente, parte do que compõe essa compaixão passa por se abrirem mais para com relações de afeto, e evidentemente para com um derradeiro relacionamento de afeto que podem desenvolver. Há partes de vós, as partes mais profundas, as partes mais elevadas de vós que se acham de tal modo preparadas que praticamente podem saborear e tocar esse desejo, e por fim conhecer e experimentar o sentido e o significado dessa relação primordial. E por fim afeiçoa-se emocionante e assustador por não saberem em que consiste uma relação primordial. E por isso andam em busca dela mas não sabem exatamente do quê, nem porquê, nem como. E isso deixa-

os um tanto assustados mas também os emociona muito, conforme irão ficar a saber e compreender o que se subentende por esse mesmo termo da "Relação Primordial."

Existirão porventura seminários e livros e processos que lhes poderão parecer muito entusiasmantes assim como diversas pessoas de autoridade, imbuídas de uma certa noção sincera de conhecimento que lhes dirão em que consiste a relação primordial. Alguns dirão que uma relação primordial será a relação que têm convosco próprios! Como se não soubessem disso, não é? (Riso) E de facto se esta noite os informarmos acerca de como terem amor por vós próprios, prometemos-lhes que intitularemos esse processo de *"Uma relação convosco próprios,"* ao invés de lhe chamarmos Relação Primordial, mas seja como for, há quem sugira que essa seja a relação primordial — a que têm convosco próprios.

Mas outros dir-lhes-ão que não, que isso é certamente importante, mas que a relação primordial seja a relação que têm seja com o vosso mundo, com a vossa realidade, com a natureza; estar em sintonia, tornar-se uno e estar em harmonia e equilibrado no vosso mundo. Ainda assim outros dir-lhes-ão que isso soa muito acertado e bonito, mas que quando se chega a colocá-lo em prática, a relação primordial consiste em ter alguém a quem amar, alguém com quem passar a vossa vida, alguém que possam levar para a cama, alguém significativo com quem partilhar a vida — de preferência uma alma-gêmea, mas caso isso não seja possível, pelo menos alguém com quem consigam partilhar a vida. (Riso)

Ainda assim outros dir-lhes-ão que está tudo muito bem e que é tudo muito bonito, embora seja um tanto mundano, mas que a relação primordial que têm (com um certo piscar de olhos) seja a relação que têm (e com uma pose adequada) com Deus. (Riso) Mas o que nós sugerimos é que cada sugestão dessas está parcialmente correta, só que o problema das meias verdades é que também podem estar erradas, e o problema mais grave ainda que as verdades reveladas pela metade têm está no facto de poderem causar prejuízo, dor e mágoa bastante desnecessárias.

E muitos de vocês nessa busca que empreendem pela relação primordial — quer lhe tenham chamado relação primordial ou não — muitos de vocês, na busca que empreendem pelo amor por vós próprios e do amor pelo vosso mundo (ou amor na relação, ou amor por Deus) foram realmente prejudicados desnecessariamente e sofreram uma quantidade enorme de dor nessa busca. A relação primordial constitui uma matriz (termo vago que significa molde), um puzzle se quisermos. A relação primordial é composta de peças de um puzzle, ou

peças de uma matriz, o que nos leva a sugerir que a relação primordial seja composta de quatro peças independentes, mas interativas, de um puzzle, e que para poderem estabelecer uma relação primordial precisam entender cada um desses componentes independentes, compreender a inter-relação e ligá-los.

Por conseguinte, o estabelecimento da relação primordial envolve, em primeiro lugar, um relacionamento afetuoso convosco próprios (sem sombra de dúvida) mas mais do que isso, envolve o estabelecimento de um relacionamento de afeto com o vosso mundo, entre vós e o vosso eu futuro — aquele em quem se estão a tornar — e envolve o estabelecimento de uma relação com uma outra pessoa significativa, que pode ser de carácter sexual, mas que não precisa necessariamente sê-lo. Podem sentir-se apaixonados e sentir amor por uma outra pessoa, sem que isso envolva intimidade sexual, (assim como também poderá envolver) mas incluso com os demais componentes. E por fim, consta do estabelecimento de uma relação dedicada com a vossa espiritualidade — entre vós e o vosso Eu Superior e Deus-Deusa-Tudo o que É.

Cada um desses componentes é independente, e cada um desses componentes acha-se interligado e entrelaçado; quando os interligam e entrelaçam, criam uma sinergia — um todo que é mais vasto do que a soma das suas partes; criam uma magia — algo que se situa para além da razão e da lógica; criam uma alquimia — algo resultante das partes que é maior do que qualquer das partes reunidas; criam aquilo que chamamos de Relação Primordial. E o que importa que entendam desde já, esta noite, é que para estabelecer uma relação íntima não basta dispor de uma das partes, mas é importante dispor de todas as quatro. E quando por fim reunirem todas as quatro peças do puzzle, e as encaixarem todas na matriz, no molde, então daí há de resultar a sinergia, a magia, a alquimia que é a Relação Primordial.

Sem todos esses quatro componentes, mesmo com a bem-sucedida implementação de qualquer um deles, poderão sentir-se bem, mas também se sentirão ocos, vazios, também se sentirão incompletos. Há quem, entre vós, por exemplo, tenha criado uma relação de dedicação com uma outra pessoa. Não estamos a referir-nos ao jogo desempenhado entre filha e pai ou entre mãe e filho nem entre adolescentes. Não estamos a falar dos contractos de autodestruição nem de castigo autoinfligido nem da automutilação que aproxima as pessoas; não estamos a falar das relações predefinidas *by default* (pela ausência) em que por recearem ficar sós se unem ou se agarram ou casam com quem puderem, para poderem dizer que têm um "*daqueles*" ou uma

"daquelas." Não, estamos a referir-nos a uma relação de amor profunda, afetiva e sincera que se baseie no que o amor por outra pessoa realmente representa.

E há quem tenha *"outros"* desses significativos, ou os tenha tido em determinado momento da vida, e para quem o amor tenha sido bem real e tenha funcionado, durante um tempo. Mas com o tempo, mesmo a despeito do amor ter assistido e ampliado e expandido, ter-se-ão sentido vazios, ocos, como se alguma coisa estivesse errada. Alguns, abandonaram essas relações e afastaram-se dessas belíssimas relações sinceras de afeto em busca de uma outra, ideal, em busca de mais alguém que pudesse ser igualmente carinhoso mas mais satisfatório, sem terem noção de que aquilo que lhes faltava eram os outros componentes e não uma falta de amor. Por suporem que, por se sentirem satisfeitos nessa relação o amor não devesse ser suficientemente bom, e em vez de perceberem que o amor era suficientemente bom e que o que lhes faltava eram os outros componentes, razão porque essa relação, por mais bela que fosse, não representava a relação primordial, que de algum modo têm consciência de buscar.

Outros, sentindo essa carência no campo da satisfação, permanecem vazios nessas relações. Alguns terão de facto descoberto amor-próprio — não só os termos, os mantras, as afirmações positivas pronunciadas repetidas vezes, mas um amor sincero e real por iniciativa própria. Mas esse amor-próprio, no devido tempo torna-se num certo ressentimento e até mesmo amargura, porquanto, por mais que tenham amor por vós próprios, uma parte de vós sabe que não é suficiente, que não é tudo quanto isso envolve.

Podem sentir perfeito amor por si próprios, mas almejam algo mais... E presumem que seja uma carência que tenham, ou um fracasso no amor em vez de compreenderem que é simplesmente a falta dos componentes restantes:

"Sentir amor pela minha pessoa sem ter outra pessoa significativa, sem ter amor pelo meu mundo, sem sentir aquele amor espiritual, simplesmente não basta."

E consequentemente ficam entorpecidos e desleixados nesse amor-próprio, e esquecem o amor-próprio.

Outros, após abandonar esses dois primeiros componentes, voltam-se, em vez disso, para o amor pelo mundo, para estabelecer contacto com a Grande Mãe, para estabelecer ligação com a natureza, para estabelecer um elo com o próprio mundo, e saem por esse mundo fora a tentar amá-lo e a aperfeiçoá-lo, a

cuidar dele; abraçam o papel de zelador e de protetor da Terra como missão da alma, e prosseguem na busca de um mundo cada vez maior a envolver — para descobrirem que nem mesmo isso resulta. E depois há aqueles que entram em contacto com o Eu Superior — mas uma vez mais não nos referimos apenas a palavreado, mas à ação efetiva — seguem as técnicas que resultam e descobrem o seu Eu Superior, e experimentam uma euforia indescritível, e uma explosão de energia e a sensação de iluminação que lhes preenche totalmente o ser durante o instante.

Mas mesmo essa relação desaba em virilidade, ou em desleixo. Não por que não seja suficientemente boa, mas por os outros três componentes se encontrarem em falta. E quando realizam a meia verdade de que a relação primordial seja *isto* ou *aquilo* ou *aqueloutro*, ela jamais cria satisfação, jamais cria plenitude, e sempre os deixa aquém desse relacionamento primordial.

Por conseguinte, o amor pode ser muito real, o amor-próprio, o amor pela Terra ou pelo vosso Eu Superior, e pode em si mesmo ser muito efetivo, muito sincero e belo, mas devido à falta dos outros componentes ele não chega a criar essa relação primordial e acabam por se sentir um fracasso, como se tivessem algo de errado convosco, ou a impressão de que tentam obter algo impossível de obter.

Pois bem, é possível estabelecer uma relação primordial se compreenderem o que seja, e como o conseguir. Isso contém tanto boas novas como más; as más, é que cada um de vós, no vosso próprio ritmo e espaço precisa desenvolver cada um desses componentes; precisa desenvolver a relação primordial. Cada um de vós precisa fazê-lo, nesta ou noutra vida qualquer, antes de permitirem a vós próprios em pleno — notem o termo, "*permitir*" — passar para os níveis superiores. Ninguém estará aí para os deter, vocês é que travam o processo.

Assim, as más notícias são que precisam desenvolver esses componentes em pleno e estabelecer essa relação primordial em algum momento antes de passarem para além do que chamam de condição física. Contudo, as boas-novas são que podem começar do jeito que quiserem. Não precisam começar por aqui nem dominar isto nem aquilo e depois passar para aqueloutro, mas podem saltar para o que quiserem. E aqueles que têm passado tantos anos — vinte, trinta ou mais — a tentar descobrir aquele "*outro*" significativo sem que resulte e jamais pareça enquadrar-se, e que dura um, dois, ou três anos mas nunca parece funcionar, podem saltar para um dos outros componentes por um certo tempo e desenvolvê-lo, estabelece-lo, e depois ao voltarem atrás, poderão passar

determinados componentes durante um outro período de tempo, e voltar a eles quando se acharem mais preparados.

Assim, se derem por vós presos desse modo sem descobrirem o tal *"outro"* significativo, passem para o amor-próprio ou para o amor pelo mundo, ou para o amor para com a espiritualidade que sentem para convosco e para com o vosso Eu Superior e Deus-Deusa-Tudo o que É. Desenvolvam isso, e depois aquilo, e por fim talvez voltem ao relacionamento com aquele *"outro"* significativo que pareça para alguns ser o mais difícil de estabelecer. E o que lhes parecer mais difícil poderá ficar para o fim. Não terão que o cumprir por nenhuma ordem particular, senão pela que vocês próprios instaurarem.

As más notícias, uma vez mais, são que, para estabelecerem essa relação de afeto precisam mais do que de conhecimento; precisam de conhecimento e de ação.

A CONSCIÊNCIA PODE SER DEFINIDA COMO CONSCIENCIALIZAÇÃO ACRESCIDA DE AÇÃO. O CONHECIMENTO ISOLADAMENTE CONDUZ À IMPOTÊNCIA. A AÇÃO ISOLADAMENTE REPRESENTA ESTUPIDEZ CRASSA.

Assim, as más notícias são que, dar atenção ou proceder a copiosas anotações, uma e outra vez, não irá resultar. Isso poderá facultar o conhecimento de que precisam, e na verdade fá-lo, mas irá depender de vós adotar a ação, irá depender de vós implementar as ações para poderem estabelecer, cada um, e em última análise todos, os componentes da relação absoluta.

Mas as boas-novas são que, com cada componente que estabelecerem, irão tornando o componente seguinte mais fácil. Não devido a um qualquer fator, enquanto massa crítica, mas devido à função da aprendizagem morfogénica.* Seja qual for o componente por que optem por começar, assim que o estabelecerem e de seguida selecionarem o componente a tratar a seguir, ele tornar-se-á um pouco mais fácil do que o primeiro. Assim que estabelecerem dois dos componentes, o terceiro tornar-se-á ainda mais fácil de estabelecer. E quando estabelecerem três dos componentes, o quarto praticamente cair-lhes-á no colo. Por ser a forma como funciona. Não é:

"Espero que seja verdade."

É a mecânica da funcionalidade da coisa.

*(*NT: A noção suscita a ideia da Proporção Áurea.)*

Assim, as boas-novas são que, se sentirem dificuldade nessa área, ótimo, desenvolvam os outros, e assim que três dos quatro se acharem desenvoltos, o último que representará a vossa Némesis, o vosso albatroz, praticamente cair-lhes-á no colo. 'Praticamente' — não em absoluto, mas 'praticamente'.

Fechem os olhos por um momento para ficarem a sós convosco próprios, e para, antes de mais, entrarem em contacto com o medo da relação fundamental. Entrem em contacto com a sensação de medo que têm por dentro, que essa relação ilusiva que há tanto tempo têm vindo a procurar, a cuja ilusão se acostumaram tanto, se torna meio assustadora, saber o que farão para a conseguir, porque habitualmente quando buscam algo durante tanto tempo, quando finalmente o têm à mão, revela-se assustadora. Sintam esse receio; sintam esse pavor por um momento no vosso íntimo; sintam o temor de saber que o vosso engano vai ser posto em questão, e que após a experiência da compreensão, que se segue à do conhecimento, não venham a ser capazes de usar tanto essa escapatória; não venham a ser tão capazes de escapar por essa 'passagem secreta' do "Porque não?!", da justificativa, do pretexto, da culpabilização.

Sintam o temor da noção de que a vosso caminho de escapatória vai ser neutralizado. Sintam igualmente o medo de que, embora partes do vosso ser mais profundas e elevadas possam praticamente comunicar e transmitir o sabor dessa relação fundamental, vocês podem perder a oportunidade. Podem aprender, podem memorizar, podem repetir as palavras que lhes chegarem de forma eloquente, mas ainda o podem perder, e sentir esse tipo de ansiedade e medo, de não saber muito bem o que seja essa relação fundamental, e o que lhes sucede assim que a atingem.

E caso se permitam tocar esses receios neste breve instante, agora voltem a vossa atenção, direcionem as vossas vibrações, o pensamento e o sentimento para o entusiasmo, para o empolgamento de por fim serem capazes de apurar — de forma muito pragmática e prática; de uma forma mística e mágica — de efetivamente criarem o que tanto procuraram. Sintam o entusiamo da certeza de que as vossas escapatórias vão ser pregadas, que não vão ter desculpas nem bluff em que se voltem a poder apoiar-se. Sintam o entusiasmo inerente à consciência de que vão entrar em harmonia com a vossa parte mais profunda e elevada, que anseia por tocar e saborear, e que irá ser bem-sucedida no desenvolvimento e experiência dessa relação fundamental de dedicação. Permitam-se sentir o entusiasmo da consciência de que vão ser capazes de

entender de uma forma cabal e que faça sentido e funcione para vós, por palavras que faça sentido, o que seja essa relação fundamental.

E já que permitiram que aflorasse o temor, agora o entusiamo. No vosso próprio íntimo procedam a uma escolha, "Em qual irei continuar, enquanto discutimos e avançamos nesta jornada juntos? Qual dessas duas energias irei carregar comigo? Irei prosseguir até ao fim deste período com temor ou entusiasmo?" Tendo estabelecido essa opção, decidam-se, só para vós próprios, com as meras palavras da decisão, que a vossa mente subconsciente e inconsciente automaticamente compreende.

Para iniciarem a jornada da descoberta da relação fundamental, precisamos começar por examinar basicamente as desculpas do tipo: *"Porque não?"*

Cada um de vós, independentemente, ao longo de certa quantidade de anos de busca sem descobrirem, desenvolveram um esquema elaborado, uma matriz elaborada, uma explicação elaborada em termos de: *"Porque não?"* Abrigam todo o tipo de razões, todo o tipo de receios, todo o tipo de: *"Sim, mas..."* tantas razões quantas as cabeças, certamente.

Mas quando diz respeito diretamente a isso, há certas conclusões fundamentais em que, quando se livram de todo o confete e de todo o veludo que lançam no vosso caminho para criar as coisas que não conseguem ver e compreender; quando retiram tudo isso do caminho ficam basicamente com umas quantas conclusões que permanecem no caminho — quer se trate de uma relação convosco próprios ou com o vosso mundo, ou com outra pessoa significativa, ou com a vossa espiritualidade. Sejam quais forem os componentes com que estiverem a trabalhar, essas conclusões aplicam-se bastante de forma universal. E se conseguirem compreender essas conclusões, e em particular os vossos pontos de partida, então poderão começar a desenvolver essa relação mais significativa de que falamos, essa matriz composta de quatro componentes independentes, porém, interrelacionados.

O ASPECTO DO NÃO MERECIMENTO

Essas conclusões fundamentais começam antes de mais, pelo merecimento. Essa é uma das mais significativas e das mais obstinadas linhas de fundo ou conclusões a que muito de vocês chegam:

"Eu não mereço. Seja, amar-me a mim próprio, ou amar o meu mundo, o meu eu futuro, amar outra pessoa, ou fazer com que me amem. Eu não mereço gozar do

amor do Eu Superior ou de Deus-Deusa-Tudo o que É." O merecimento constitui o primeiro aspeto principal, por entre qualquer e todos os componentes, que lhes trava a relação fundamental. E esse merecimento divide-se basicamente num aspeto negativo e num positivo.

O aspeto negativo desse problema do merecimento consta da manipulação. Muita gente agarra-se ao facto do — *"Eu não mereço,"* com uma atitude puramente manipuladora. Usam-na, fingem, não chegam verdadeiramente a acreditar nela, nem a pensar que seja um facto, mas presta-se como coisa oportuna a apresentar, uma excelente justificação a avançar, que de algum modo leva toda a gente a parar e a dizer:

"Bom, eu não mereço!"

Muitos dir-lhes-ão:

"Ora, mas o merecimento vem na cauda de todos os problemas."

É verdade. Mas, quererá isso dizer que não devam discuti-lo? Quererá isso dizer que não devam observá-lo? Quererá dizer que não devam livra-se da falta de merecimento? Gostaríamos de sugerir que é importante livrarem-se da falta dele, e a primeira maneira de o conseguirem é determinando se a falta de merecimento de que padecem constitui uma manipulação. Estarão simplesmente a dize-lo, estarão simplesmente a usar isso para controlar? Estarão unicamente a utilizar isso como um falso sentido de poder?

"Por eu precisar deter tudo, por se tornar quase num atrito que trava o mecanismo?"

Será isso um sentido barato de identidade? Será uma maneira de passarem por trapaceiros, ou uma maneira de engendrarem culpa? Estarão a usar a vossa falta de merecimento como uma forma de manipulação para controlar, para trapacear, para gerar sentimento de culpa, ou para adquirir um falso sentido de poder?

Há imensa gente no mundo que anda por aí a fazer que sente indignação, e que prontamente lhes dirá isso com a mesma facilidade com que o deitam da boca para fora, e que o faz com base na manipulação. É a cartilha que seguem, é a razão por que voltam a cair, quando se sentem na dúvida e se sentem indignos. Para certa, porém, a falta de merecimento é bem real, e ela revela a verdade. Não, esses não manipulam, não o sentem unicamente para conseguir um sentido de controlo nem o dizem para produzir culpabilidade nem para tentarem

ser poderosos por meio da falta de merecimento. Eles acham sincera e verdadeiramente que não merecem — que não merecem ter nenhum — e em especial todos esses componentes.

E de entre aqueles que aqui escutam, sugerimos que de alguns deles, poderá ser dito que não creem sinceramente merecer — devido ao que lhes foi incutido, devido ao tormento que as suas próprias fúrias e mágoas ou ressentimentos representam, devido à culpa em que foram colocados, devido ao modo como foram criados, devido aos círculos viciosos que sustentam, devido às depressões que sentem e que não compreendem, devido aos segredos e aos embaraços que mantêm, ou devido ao facto de nunca lhes terem dito *"como;"* alguns de vós pensam sinceramente não ser merecedores. Por conseguinte, torna-se num verdadeiro obstáculo, ao invés de uma medida manipuladora.

Se for um obstáculo de manipulação, e forem sinceros convosco próprios para revelarem a vós próprios tal verdade, poderão reconhecer o que estarão a fazer, admitir que são vocês quem procede à manipulação, seja por que objetivo for — poder, controlo, produção de culpa, ou simplesmente pelo facto de serem trapaceiros. E podem perdoar-se por isso, e afastar-se da manipulação. Admitir:

"Sim, eu tenho vindo a usar a minha falta de merecimento como uma armadura, como um escudo, como uma desculpa, como uma manipulação; mas posso baixar esse escudo se o reconhecer, se o admitir; perdoar-me por ele, e em seguida mudar, baixando essa armadura."

Para aqueles poucos, por entre os muitos, que conseguem sinceramente dizer:

"Não é um escudo, não é uma diversão nem uma manipulação. É real. Eu não mereço!"

É bem real. Vocês podem tratar disso, vocês podem trabalhar isso através da meditação, por intermédio da técnica que descrevemos antes, e pela compreensão de um segredo muito importante do merecimento. Caso se trate de uma manipulação, esse segredo não faz qualquer sentido. Se for real para vós, esse segredo constituirá a vossa resposta, que consta da compreensão de que o merecimento — e a vergonha que lhe está implicitamente associada — é algo que não poderá ser completamente processado por vós, sozinhos. É uma das poucas coisas em que precisam pedir ajuda. E por isso, por meio de um processo de meditação de contacto com os vossos conselheiros, com o vosso Eu Superior (com os vossos amigos invisíveis — seja qual for a maneira por que o

consigam) ou com Deus-Deusa-Tudo o que É na sua essência e sentido, podem pedir que lhes ergam o ónus final:

"Eu fiz o meu trabalho de casa, mas agora peço àquelas partes de mim, aos meus amigos invisíveis, seja qual for a classificação em que se enquadrem, para me suspender o resíduo."

Se o fizerem, poderão precisar de três ou quatro vezes, poderão precisar de cinco ou seis vezes, uma dúzia ou mais de vezes, mas se persistirem, e se a falta de merecimento corresponder à realidade, esse ónus ser-lhes-á retirado, e saberão que terá sido suspenso num ápice. E com a mesma facilidade também saberão que merecem, e desse modo terão eliminado uma de entre várias conclusões potenciais que os impedem de estabelecer essa relação absoluta.

RETIDÃO - SENTIDO BARATO DE PODER

Uma segunda conclusão, ou ponto de partida, consta do poder. Toda a gente busca poder. Por mais que o neguem, por mais que finjam o contrário, por mais que porventura tenham aprendido que não deviam fazê-lo, toda a gente busca poder. Alguns não querem conquistá-lo, não querem obtê-lo, mas pretendem apossar-se dele. E o modo por meio do qual se apossam do poder, é através da retidão. E aqueles de vós que persistem em ser retos e se agarram à raiva justa, à probidade do ressentimento e à indignação justificada que sentem, obtêm um sentido barato de poder, um sentido barato de identidade, obtêm um sentido barato de responsabilidade e de controlo da sua realidade. Obtêm um sentido barato de ser melhor do que os outros, com a retidão que evidenciam.

Uma das analogias que usamos e que porventura é fácil de relacionar e de compreender o que queremos dizer com *retidão*, é a analogia em que sugerimos que se forem a um restaurante e mandarem vir algo e forem objeto de um serviço de atendimento péssimo, e o empregado ou empregada de mesa baralhar o pedido que tiverem feito, entornar as coisas, deixar cair café no vosso molho, trazer o jantar frio, enfim, fizer tudo errado o suficiente para os deixar indignados, vocês pensarão:

"Que serviço mais péssimo, este. Que empregada horrível, esta!"

Mas abrirão a boca para dizer alguma coisa? Ah, não! Não, não, não, não. Sorriem e dizem:

"Não tem problema. Toda a gente tem dias maus. Não faz mal, eu compreendo. Não tem problema. Lá pelo meio o meu prato ainda está quente; (riso) não faz mal, não tem importância."

E deixam a gorjeta apropriada, por não quererem parecer baratos, por não quererem parecer insignificantes, e quererem parecer maior do que ele ou ela — melhor do que ele ou ela — mas assim que saem do restaurante a coisa muda de figura:

"Eu? Nunca mais! (Riso) Alguma vez terás visto um serviço de atendimento mais péssimo? Consegues acreditar? Poderei eu compreender porque continuam a. . . ?"

E por aí adiante. E mais tarde, contam a outras pessoas:

"Eu tive um dia excelente, com exceção da altura em que fui àquele restaurante; devias ter visto aquele serviço, devias ter visto o que a empregada fez, etc. Não conseguirias acreditar que ela fez isto e mais aquilo. Sinto-me de tal modo irritado que não voltarei mais àquele lugar de novo, nem deixarei que ninguém lá vá. Vou apregoar por toda a parte…" (Riso)

E nós louvamos que o façam. Fúria justa, raiva, indignação, retidão é a expressão da emoção em relação à qual todo e qualquer um não pode fazer nada; mas jamais são expressadas por alguém que podia fazer. Porque, vejam bem:

"Aí posso obter um sentido barato de superioridade. Eu podia ser tão melhor do que aquela pessoa! Eu teria feito isto; eu teria feito aquilo; eu teria ganho de verdade a gorjeta que lhe dei. Eu sou muito melhor do que ela."

Obtêm a sensação:

"Eu sou muito mais poderoso. Eu sou muito mais controlado — e além disso, não me meto em apuros por expressar os sentimentos, àqueles a quem os expresso; não podem fazer nada com respeito a isso de qualquer modo."

E se uma dessas pessoas disser:

"Porque não participas à gerência?"

Vocês dirão:

"Eu? Não, não os quero meter em sarilhos! Não, porque arruinaria a reputação do restaurante."

Mas na verdade não querem é meter-se em sarilhos. O que isso esconde é o facto de realmente não quererem desistir do vosso sentido barato de poder — do poder que lograram ao revelar-se íntegros. Ao passo que a pessoa que fosse autêntica, expressar-se-ia e deixaria que a empregada soubesse e deixaria que o gerente soubesse — não deixaria nenhuma gorjeta, tão pouco uma gorjeta menor com uma explicação do porquê. Expressaria a fúria ou a raiva ou o sentido de retidão, ou a mágoa, ou a indignação onde isso pudesse resultar pelo melhor. E nisso reside a diferença entre a emoção honrada e a emoção real. A retidão constitui um sentido barato de poder. E quando não pensam poder obter poder; quando não pensam conseguir conquistá-lo; quando não acreditam dispor de um meio legítimo de ser uma pessoa poderosa, muitas vezes recorrem à probidade como um meio de o obterem, devido a que queiram ser poderosos.

"Toda a gente o quer!"

RESPONSABILIDADE

O aspeto negativo do poder, que os impede de se relacionar é a probidade. O sentido positivo do poder consta da responsabilidade:

"A não, aquele termo danado," não é?

Ser responsáveis pela realidade. Por expressar as emoções, certamente! Pela expressão dos sentimentos — sem dúvida alguma! Mil vezes, sim. Mas de seguida, precisam ser responsáveis por dar seguimento e por esvaziarem essas emoções, e depois por compreenderem a razão por que terão criado a realidade por essa ordem. Expressarem-na, serem responsáveis e compreenderem por que a terão criado — isso é responsabilidade, e com essa responsabilidade sobrevém o poder real. E nós sugerimos que o que os bloqueia com relação à relação absoluta, ou a qualquer dos seus componentes, assenta quer na procura da probidade como vosso sentido barato de poder, quer no receio da responsabilidade enquanto sentido legítimo e real de poder. Se puderem ser senhores de uma probidade legítima, em vez de a nobilizarem, e dizer a vós próprios a verdade quando estiverem a ser retos:

"Estou a assenhorar-me do poder!"

Que constitui uma abordagem covarde e barata; se revelarem a vós próprios essa verdade, fácil se tornará reconhecer o que estão a fazer, e admiti-

lo, e terão alguma coisa de substância em que espetar o dente, e perdoarão a vós próprios por isso, e de seguida mudarão a coisa. Por terem obtido algo substancial em função do que mudar!

Se o receio da responsabilidade for o que estiver a criar essa energia, o receio que sentem da responsabilidade, o poder verdadeiro, ao se assenhorarem e conseguirem tratar disso, ao conseguirem compreender que sim, a primeira responsabilidade poderá por uma vez afeiçoar-se dolorosa, poderá por uma vez afeiçoar-se repulsiva, angustiante ainda que por uma vez, mas à medida que isso for sendo esvaziado e libertado, deixará vir um belíssimo sentido de responsabilidade à tona, responsabilidade pelo êxito e pela alegria, pela felicidade pelo assombro e pela plenitude. Esses aspetos da responsabilidade encontram-se aí para poderem utilizar.

Mas a segunda conclusão, ou decisão mais significativa, reside no querer mas recear o poder, e consequentemente não se permitirem nenhum poder — e decerto todos — os componentes do relacionamento absoluto.

FALSO SENTIDO DE ESTIMA

A terceira conclusão assenta na autoestima. Os problemas que têm com a vossa autoestima, criam a terceira conclusão de entre as mais significativas para que algum de vós estabeleça qualquer um dos componentes do relacionamento absoluto. Uma vez mais, é importante compreender que cada um de vós, cada pessoa à face do planeta busca a autoestima; isso não é opcional; vocês buscam-na. E se não dispuserem de meios legítimos para a descobrirem, então buscá-la-ão por meios ilegítimos. Mas existem certas formas de estabelecer o que chamamos, não de autoestima, mas de falso sentido de estima. Uma dessas formas passa pela supressão dos vossos pensamentos e sentimentos; pela recusa do sentir, pela recusa do pensar, e desse modo pelo estabelecimento de um falso sentido de estima chamado desprendimento ou desapego.

MINIMIZAÇÃO DOS CRITÉRIOS

Uma outra forma passa pela minimização das vossas normas e dos vossos valores. O que certa vez poderão ter considerado estima — o amor que merecem — no sentido de proceder a certas realizações, de concretizar certas coisas, de obter certos níveis de excelência; ao minimizarem os critérios, o facto de comparecerem torna-se suficiente:

"Olha, cheguei ao emprego a horas, creio que isso seja suficiente; não importa como desempenhe a minha função, o que importa é que cheguei a tempo. Eu piquei

o cartão à entrada e à saída de forma devida, e segui as normas, o que é quanto basta. Enverguei o vestuário apropriado, e dei a cara. Sorri, agi de forma atenciosa — e não sei mais o quê, enfim…"

Ao minimizarem as normas… quando outrora era costume estabelecerem certos níveis de excelência, agora passam a minimizar essas normas. Mas como costumava haver normas de ascensão na carreira a que se podia aspirar, ao minimizarem tais normas, é como se estivessem a subir na categoria muito além das normas adotadas anteriormente. (Riso)

"Olhai ao ponto a que consegui chegar! Não terei obtido tanto amor com isto que conquistei?"

E consequentemente, uma falsa estima decorrente da minimização, da redução dos critérios da aceitabilidade.

VIVER COM BASE NA ASPIRAÇÃO E NA INTENÇÃO

A terceira maneira porque as pessoas estabelecem uma falsa estima é vivendo com base na aspiração e na intenção:

"Aspiro a fazer isto; aspiro a fazer aquilo. Um dia destes será isto que vou querer fazer. Um dia vou inventar uma maneira de terminar com isto — a pobreza, a fome, substituir os combustíveis fósseis por combustíveis limpos e não poluentes. Um dia destes ainda vou escrever a maior novela Americana; algum dia ainda vou ganhar o prémio Pulitzer ou o Prémio Nobel. Tenho estas aspirações de uma conquista grandiosa. Não serei fantástico? Não me chegarei a impressionar a mim próprio? Caramba! Nem toda a gente tem esse tipo de aspirações! Sou bem especial por aspirar a todas essas coisas. Isso já é quanto basta!"

E os que vivem de intenções.

"Pois bem; eu tenho a intenção de fazer isto e mais aquilo — quanto tiver tempo suficiente. Quando dispuser de algum tempo, vou ler Voltaire. (Riso) E vou ler o Sweedenborg e todas as obras do Freud e todos os diários completos do Jung, etc. Quando puder tirar uma semana ou assim…. Epá, tenho cá umas intenções formidáveis! E é de onde me vem a estima, por causa das intenções que tenho ou das aspirações que cultivo."

Só que elas são falsas!

VALIDAÇÃO EXTERNA NÃO É FONTE DE AUTOESTIMA

E claro está que existe o fator da validação externa, como fonte de autoestima. Essa é a mais delicada, por a validação exterior ser importante no vosso mundo. Não estamos a sugerir que não devessem buscá-la; por favor não nos interpretem de forma errada. Busquem a validação externa, sim, mas como um parecer. Não em função da autoestima! No vosso emprego, a validação externa é chamada de *salário* (riso), é designada como *aumento*, *complemento*, e vocês pretendem essa validação externa, querem que o patrão ou o cliente note, querem que as pessoas lhes deem essa validação externa.

E o artista busca esses aplausos, esse reconhecimento, o escritor quer que o livro seja um sucesso; o músico quer que a composição seja um êxito. O cantor quer atingir o topo das tabelas; anelam por uma validação dessas — como um parecer, uma opinião; como uma fonte de renda; como uma medida de conquista; como medida da direção que seguem. Excelente! Mas quando pegam nessa validação externa e a utilizam em função da autoestima, é quando ela se torna num problema.

SUPRESSÃO DE IDEIAS E SENTIMENTOS

A validação externa tem os seus usos apropriados, e todos vocês precisam dela; busquem-na, vão no seu encalço de forma apropriada. Mas quando pegam nessa validação externa e tentam torná-la na fonte da vossa autoestima, é quando a coisa dá para o torto, e se torna não autoestima mas falsa estima. Mas se revelarem a vós próprios a verdade, ao tentarem obter autoestima por via de tais métodos falsos, tornar-se-á insaciável, produzirá um nível de competição que até mesmo os deixará a vós próprios chocados; criará sentido de impotência, por dependerem da supressão de emoções, da supressão de sentimentos e pensamentos; por dependerem de normas que continuarão a ser minimizadas; por dependerem de aspirações e de intenções e eventualmente chegarem a admitir que jamais se concretizarão, e dependerem de mais alguém no exterior, que lhes transmita estima — mas, e essa pessoa ficar doente nesse dia (riso) ou estiver de mau-humor, ou estiver a enfrentar problemas de natureza pessoal? E se não souber como dar expressão a essa validação? Vocês estão feitos! Devido à falta de estima, não se permitem ter qualquer um ou todos esses componentes de uma relação afetuosa.

INTIMIDADE

A quarta conclusão, a mais rude, a mais complexa e a mais difícil (porém, caso o consigam suplantar, a mais gratificante) é a da intimidade. Muitos de vocês desejam relações na medida em que puderem prová-lo, mas sentem-se aterrados com a intimidade, absolutamente aterrados com a possibilidade da intimidade. A razão disso? Já o discutimos num outro tópico, e não vamos repeti-lo na totalidade. Mas vamos abordar o âmago da coisa, a moral que representa para a maioria de vós. A maioria de vocês possui um Eu real, entendem? Um Eu verdadeiro, uma essência, uma centelha, um pedaço puro e belo de Deus, da Deusa, do Todo; e esse pedaço de vós deixou-se rodear pela escória do —

"Eu não mereço; não sejas ganancioso; não sejas egoísta; não te interesses só por ti próprio; não sejas egocêntrico; não sejas tão ciumento; não sejas mau; és estúpido; nunca consegues fazer coisa nenhuma; faz o que quiseres da tua vida mas lembra-te que sempre estarei aqui quando falhares; és um rebelde; não te interessas por ninguém além de ti próprio."

E muito em breve esse Eu desvanece-se. Fica ocultado naquilo a que o Carl Jung chamou de "Sombra" — o vosso aspeto horrível. A parte que receiam que possa corresponder mesmo à verdade.

SOMBRA E PERSONA

Bom; não podem viver com isso, ou então serão repudiados. De modo que, aquilo que fazem é erguer uma outra barreira, chamada "Persona." Uma imagem que apresentam ao mundo, uma bolha, um balão que insuflam ao vosso redor. Essa Persona é um balão que diz que são muito dados, generosos, carinhosos e todas essas coisas. Mas o segredo que guardam assenta na consciência que têm de isso não passar da Persona. Sabem que não tem mais realidade do que a maquilhagem, ou o penteado ou as roupas extravagantes que envergam. É a vossa Persona.

Isso em particular, no caso de alguns aqui presentes, quando alguém lhes estende um cumprimento deixam-nos a sentir um certo desconforto:

"Ah, acho que és fantástica; acho que és verdadeiramente estupenda, obrigado."

"Ah, não, não, nem por isso. Ah, não, nem por isso. Se na verdade soubesses. . . Se me conhecesses de verdade não dirias isso."

Os cumprimentos tornam-se fonte de desconforto por os cumprimentos os forçarem a manter a Persona no sítio. Se exibirem essa imagem de pessoa

amorosa, mas realmente não pensarem ser tal coisa, e alguém se chegar a vós e lhes disser:

"Sabes, aquilo que mais aprecio em ti é o facto de seres uma pessoa afável."

E vocês pensarem —

"Ah, não, por amor de deus!" (Riso)

"Mas sabes que mais? Tu sempre dizes a verdade!" (Riso) "E fico com a impressão de não seres impostor nenhum!" (Riso)

"Bom, assim fico emperrado de verdade, estás a entender?" (Riso)

"Preciso arrumar com a imagem que transmito de ser afável, de ser verdadeiro, de não ser falso."

E é por isso que os cumprimentos se tornam tão difíceis:

"Por favor, não me cumprimentem; não digam coisas agradáveis acerca de mim; porque o que fazem é fazer com que mantenha esta Persona ativa."

Mas a crítica deixa-os igualmente aterrados. Passam por alguém que se encontra à conversa e interrompem a conversa. (Riso) E vocês ficam certos de ser a vosso respeito. (Riso) Por acaso não passam e começam a desdenhar dizendo: *"Estão a falar de mim."* Não é?

Ou então alguém lhes diz:

"Sabes, és uma pessoa verdadeiramente fantástica, mas sabes, tens esta coisa…"

Bom… (Riso) Onde ficará o 'buraco'? Onde estará a 'brecha'? (Riso) Por onde é que conseguirão ver isso? Tenho que remendar esta Persona rapidamente, porque se alguém começar a ver através dela…" (Riso)

Assim, os cumprimentos assustam-nos e as críticas deixam-nos aterrados. E por isso, deixam-se envolver numa relação, mas quão próximo conseguem chegar? (Riso)

"A ponto de a minha Persona esbarrar com a tua." (Riso sonoro) "Não consigo tocar-te; não consigo chegar a ti, por os meus braços não serem suficientemente longos," não é? *"Não consigo chegar a ti por meio desta Sombra*

ou desta Persona nem por meio da tua Persona nem da tua Sombra, com o objetivo de tocar o teu verdadeiro Eu, de modo que chocamos as Personas."

E claro que a *Madison Avenue* ajuda, com toda a sua publicidade relativa ao modelo de relação afetiva, enquanto bebem o vosso *Chianti* ou enquanto tomam um *Riunite* com gelo… (Riso) Ou enquanto redobram o prazer ou a diversão… (Riso) Por conseguinte, envolvem-se numa relação convosco próprios, ou com o mundo, ou com mais alguém, ou com o vosso Eu Superior, até esbarrarem na vossa Persona e ela se vir ameaçada:

"Não me atrevo a chegar-me demasiado perto de ti. Não entendo como te chegas tanto a mim. Por esta Persona poder ser golpeada e aí vais ver o quão egoísta, péssimo, ciumento, invejoso, sórdido, estúpido, falhado sou. Por isso só deixo que chegues (suficientemente) perto e só chego (suficientemente) perto de ti, e assim isso nunca dura. Apaixonámo-nos loucamente por uma semana! Um mês, ou dois, e lá vamos nós juntos, e depois está tudo acabado. Podíamos ter mesmo chegado a ponto de casar — mas aí separávamo-nos! Por termos ameaçado perfurar a Persona."

O VERDADEIRO SER

A intimidade aterroriza-os. Têm muito mais receio da intimidade do que têm do amor, por ela poder perfurar a Persona. Agora, o que ironicamente é verdade — do outro lado da intimidade — é que se perfurarem a vossa própria Persona, se admitirem livrar-se desse outro aspeto, por ora, e lidarem apenas convosco próprios; se admitirem e perfurarem essa Persona — não terão que destruir a coisa toda mas tão só perfurá-la — e se o fizerem e forem guerreiros e confrontarem a vossa Sombra; ou se forem aventureiros e forem ao seu encontro, também poderão perfurar a vossa Sombra. E ao perfurarem a Sombra, e começarem a eliminá-la, que é que irão descobrir? É o verdadeiro Eu que aí repousa. E ironicamente, esse verdadeiro Eu provavelmente será mais parecido com a Persona que tinham vindo a apresentar do que poderiam calcular.

"Afinal, onde terão ido buscar a ideia de que isso poderia ser a Persona?" (Riso)

Assim, essa Persona carinhosa, autêntica, não impostora. O que descobrirão:

"Pelos céus, eu sou carinhosa, e sou autêntico, e não sou impostor nenhum!"

Não irá ser exatamente a mesma coisa que a Persona, por a Persona ser um embuste. Mas poderão ficar assombrados com a semelhança, com o simbolismo que a Persona que vocês criaram evidencia do Eu autêntico. Assim, o receio está em que, caso consigam livrar-se dessa Persona, o que reste possa ser toda a fealdade. Mas a única coisa que se pode dizer acerca das sombras, é que se lhes lançarem luz, elas desaparecerão. E então poderão começar a vislumbrar o Eu verdadeiro. E aí deixarão de precisar dessa Persona, e a intimidade deixará de os assustar mais. A intimidade deixa-os intrigados e entusiasmados. Mas precisam perfurar a Persona, derramar luz sobre a Sombra, e obter um vislumbre fugaz, caso pelo menos não consigam perceber com clareza, o verdadeiro Eu.

Essa é a quarta — intimidade. a quinta é a imagem. A quinta razão porque não se permitem ter uma relação deve-se à imagem que têm, com respeito a vós e à relação. E embora exista uma miríade de imagens não resta dúvida de que há duas com que mais se preocupam: A imagem que têm de perdedores, e o contrário, a positiva, a imagem que têm de vencedores. E cada um de vós tem uma imagem de cada um desses tipos; uns usam uma com mais frequência do que a outra — não há dúvida. Mas cada um de vós tem uma imagem de vencedor e uma imagem de perdedor. Mas o que sucede é que a maioria de vós fica preso na imagem do perdedor, por causa da experiência vivida. Vocês pensam que a vossa experiência cria a vossa realidade em vez da vossa crença. Por conseguinte, devido a que tenham passada pela perda anteriormente, de forma experimental, consequentemente presumem que sejam perdedores; e continuam a exercitar a vossa imagem de perdedor e adivinhem o que acontece: Continuam a criar realidades de perdedor:

"Mais uma relação pelo cano abaixo — quer seja comigo, com o meu mundo, com o dos outros ou com a minha espiritualidade."

Vocês também têm um vencedor em vós, mas essa imagem não é usada com muita frequência — em parte por terem sido condicionados e lhes terem incutido isso, e em parte por recearem que seja arrogante e egoísta, e por outro lado por lhes chegar a ser sugerido, na vossa espiritualidade, que não devem ser assim, que isso é ser mundano. Por não serem espirituais caso não sejam vencedores. Sugerimos que a espiritualidade do perdedor representa igualmente um conceito estranho (riso) mas seja como for a imagem que muitos de vocês têm, de perdedores, no que diz respeito à relação —

"Não faz sentido tentar; toda a gente fracassa. Toda mulher, todo homem com quem saí… Por vezes durava um tempo, outras vezes não durava, mas nunca chegava a resultar. Sou um perdedor; não tenho um amor, não consigo amar."

Porquê dar-se ao trabalho relativamente a qualquer relação, e em particular à fundamental? Se forem sinceros com respeito a vós próprios, e em especial com respeito à imagem de perdedores que carregam, soletrem-na, botem-na cá para fora, vejam aquilo que é, e façam-no igualmente com respeito à imagem que carregam de vencedores. E depois definam uma escolha e decidam-se quanto à que realmente querem deixar transparecer. Podem eliminar essa linha de fundo. A quinta conclusão da razão porque não permitem que as relações resultem convosco, devido à imagem com que ficam.

A sexta linha de fundo assenta no conhecimento. Todos querem saber. E existem basicamente duas maneiras de chegar ao conhecimento; já o mencionamos antes. Podem chegar a conhecer pela dor, e podem chegar a conhecer através do amor. Mas devido a que o amor seja aterrador (por diversos motivos) a dor torna-se mais fácil. E assim, muitos de vocês aprendem através da dor. Desenvolvem uma relação de afeto convosco próprios em que se criticam, e em que se atropelam e abusam de vós próprios, e em que descarregam em vós próprios por toda a forma e feitio, e em que se tratam com um lixo e a escumalha da Terra. E depois infelizmente existe muitos no campo da metafísica que lhes dirão que isso é verdade. Por um lado, dizem-lhes que vocês são Deus, mas depois, dizem-lhes que são tão burros e tão estúpidos e que destroem o vosso mundo e arruínam tudo de forma a ter que vir alguém do espaço exterior socorrê-los por serem tão estúpidos… mas são Deus! Não faz sentido, não pode, e só pode rebentar com o circuito. E acabam punindo-se a vós próprios como forma de chegarem a conhecer-se; ou punindo o mundo, ou punindo a/o outro.

Muitas relações entre homem e mulher, homem e homem ou mulher e mulher baseiam-se num manifesto sadomasoquismo. Ou num sadomasoquismo dissimulado:

"O jeito por que te chego a conhecer (ou tu a mim) é infligindo dor."

Mas por desejarem conhecer de forma tão desesperada se disporem a suportar a dor que cada um inflige no outro. E vocês conhecem relações dessas; já as presenciaram. Relações em que permanecem juntos e brigam; esposas e maridos, ou companheiros sexuais ou outros, que se criticam e ridicularizam e se atropelam mutuamente, particularmente em público, coisa que tanto gostam de fazer. Infligem dor. Envelhecem e precipitam-se a tomar a decisão quanto a adoecer primeiro para que o outro tome conta deles (riso) e recusam-se a morrer para não deixar o outro escapar (riso generalizado). E vivem até se tornarem velhos e mordazes e odiosos, que jamais consideram separar-se ou

deixar o outro, ou sequer sugerir deixar de se defender. A polícia poderá dizer-lhes como uma das formas mais assustadores e difíceis com que lida são os crimes domésticos. Porque, quando maridos e mulheres brigam e se agridem mutuamente, por vezes, se os polícias se intrometem entre eles para os apartar sucede acabarem agredidos.

"É assim que nos amamos, veem? Não se intrometam!"

Mas nós sugerimos que isso seja conhecer através da dor, coisa que entrava, evidentemente, o conhecimento pelo amor, e a relação fundamental, naturalmente. A outra maneira é conhecer através do amor — duas maneiras de se chegar a conhecer alguém. Pela dor intrínseca ou pelo amor intrínseco. A escolha é vossa. Mas em jeito de conclusão, por quererem conhecer e recearem (pelo que também receiam a relação) não se permitem tê-la.

O último, o sétimo pano de fundo — a necessidade! Aprenderam que não é "legal" necessitar. (Riso) As pessoas não evoluídas necessitam; as pessoas evoluídas e espirituais não necessitam. E muitos de vós brincaram ao que chamamos de jogo do vocabulário; crescimento por meio do vocabulário. (Riso)

"Eu tenho estas necessidades, mas não é fixe, pelo que passarei a chamar-lhes preferências. Questão resolvida!" (Riso)

Muitos terapeutas, sem saberem como lidar com a necessidade, confundem o caso de deverem ou não tê-la, desde logo, e acham muito mais fácil usar o jogo do vocabulário. Vamos pegar nas necessidades que têm e vamos ensiná-los a chamar-lhes preferências. E após quatro ou cinco sessões, depois de os terem treinado e condicionado suficientemente:

"Aaah! Não é uma necessidade, é uma preferência."

Agora já não têm mais problemas com as necessidades; têm problemas com as preferências, mas isso é outra coisa. (Riso) Terão tempo de tratar disso durante os próximos seis anos. É assim que andam por aí a fingir que não têm necessidades, quando na realidade têm. Vocês têm necessidades. E ainda que lhes chamam quereres ou preferências, elas ainda representam necessidades. E problema decorrente da conversão delas em preferências e desejos está em que muitas vezes fiquem sem resposta, e vocês permanecem na mesma posição de necessitados sem que o admitam, e consequentemente impeçam uma relação de afeto de qualquer ordem que seja, e impeçam a relação fundamental. Fingir que preferem oxigénio (riso) dá cabo do juízo. O vosso subconsciente só dirá:

"Tu só podes estar a brincar! Estou metido com um lunático. Desisto! Não estou para participar nesta loucura." (Riso)

E então, embora finjam não ter necessidades, tornam-se dependentes:

"Eu não preciso de homem nenhum — mas morro por ter um! Não necessito de uma mulher — mas a minha vida é um vazio total e se não tiver uma não sou ninguém. Não necessito; é uma preferência total — da qual estou completamente dependente!"

A carência impede-os de conseguir as relações que, caso contrário, poderiam desenvolver. Se, em vez disso, admitirem:

"Sim, eu tenho necessidades," — oxigénio, alimento, enfim… então tratem de satisfazer tais necessidades e não se envergonhem de ter carências dessas. Dispõem de modos físicos, emocionais, intuitivos, psíquicos, metafísicos, podem satisfazer as vossas carências, e ficar com as necessidades satisfeitas. Aí poderão passar para as preferências. Não através da mudança gratuita do vocabulário mas sim por meio da admissão das necessidades e da sua satisfação. É mais difícil do que meramente alterar o vocabulário, mas também resulta. Mas a maior preferência de todas passa por precisarem de alguém —

"Eu não tenho que precisar de ti; mas quero. Eu amo-te e quero-te amar de forma a precisar de ti. Por na minha felicidade e na minha vida e no meu ser preferir estar numa situação de necessidade contigo. Não por que tenha que ser, nem por mudar o vocabulário, mas por preferir precisar. Não precisar numa base de dependência — que pode destruir a relação antes que tenha início — mas precisar com base na preferência, que pode representar o próprio combustível que mantenha a relação nos bons e maus momentos do que compõem a vida."

E quando conseguirem chegar a uma situação em vós próprios, relativamente ao vosso mundo, relativamente a outra pessoa ou ao vosso Eu Superior em que possam dizer que satisfazem as vossas necessidades, e que não precisam que o outro as satisfaça embora prefiram precisar dele e prefiram fazê-lo juntos, prefiram partilhar a vossa realidade com ele, então terão atingido o formoso estado da *Necessidade Preferencial*, que é a maior e a mais forte preferência de todas. É preciso uma verdadeira coragem e uma verdadeira força para se preferir necessitar.

Mas essas são as sete conclusões ou panos de fundo; o que, por quaisquer que sejam as palavras que reúnam para os descrever, se reduzirá a um dessas sete ou a uma combinação dessas sete razões por que não se permitirão ter uma

relação com qualquer das combinações ou todos os níveis para desenvolver uma relação fundamental. Mas importa que conheçam os vossos panos de fundo. Alguém dirá que será por todos essas sete; bom provavelmente não será. Mas a menos que já disponham de uma relação fundamental, estarão a passar pela experiência de pelo menos alguns desses panos de fundo. Se se familiarizarem com eles, e se revelarem a vós próprios a verdade com respeito aos que tenham contraído, poderão avançar, que é o que queremos passar a examinar.

Como desenvolver esse relacionamento supremo e o processo passo-a-passo que envolve, por ordem quais peugadas no solo. Se passarem daqui até ali, e depois até acolá, e depois até acolá; se seguirem os passos consegui-lo-ão. É onde as peugadas conduzem — à relação fundamental. E caso sigam as peugadas não se perderão,.

O primeiro passo passa por identificarem e controlarem esses panos de fundo por ordem ascendente. Querendo com isto dizer pegar no panos de fundo mais fácil primeiro e lidar com ele. Há uma afirmação que num tom um tanto machista e chauvinista diz que, se forem brigar com alguém, escolham alguém maior que vós. Dessa forma quando perderem não ficarão envergonhados. Nós sugerimos justamente o contrário: se forem brigar com alguém, escolham o mais fraco e o mais franzino, que assim poderão ficar seguros de vencer, não é? (Riso.) Esquematizamos isso desta forma, com uma linha comprida que representa a vossa maior decisão final. Mas vocês também têm mais do que uma, têm, digamos, seis, panos de fundo a operar. A segunda conclusão ou decisão final é representada por uma linha mais curta, que tem início na mesma base, mas que é mais curta por não ser tão grande enquanto obstáculo a superar. A terceira…

"Pois, tenho uma terceira que é menor. Mas depois tenho uma quarta que se intromete um tanto no caminho, mas não é coisa demais a superar."

Não vão atrás dessa grande, primeiro!

"O meu maior receio prende-se com a intimidade, pelo que vou atacar esse em primeiro lugar…"

Não! Vocês vão perder. Vão ver-se derrotados; vão tombar. Não o irão conseguir.

"Tenho este outro problema com a carência. É o mais insignificante, com que tenho um pequeno problema; poderia corrigi-lo num instante."

É atrás desse que vão. É o primeiro a controlar. Portanto, corrigem-nos por ordem crescente; identificam os vossos panos de fundo particulares e manipulam-nos por ordem ascendente.

Digamos que o problema menor que tenham seja com a carência e o maior seja o da intimidade, e o seguinte tenha que ver com a vossa imagem e a seguir, digamos que seja com a retidão; não é lá muito significativo mas é proeminente o suficiente para o notarem. (Riso.) Se controlarem o da vossa carência primeiro, também terão eliminado aquela porção da retidão que se baseava na carência, terão eliminado a porção da imagem que se baseava na carência, terão eliminado aquela porção da intimidade, o segredo, a sombra da carência que encobriam. E cada uma delas, ainda em relação com a do topo, ter-se-á tornado menor. Agora o problema que têm com respeito à retidão já não parece tão grave, parece? Já conseguem lidar com a retidão, e a parte da vossa imagem que era honrada e que não quereriam admitir nem quereriam admitir, a imagem de perdedor virtuoso desapareceu. A parte da vossa intimidade, a persona que encobria a sombra da virtude e da retidão terá desaparecido.

Agora olhem o seguinte: não conseguirão agora lidar com o problema da imagem? Conseguem, sim. E que é que fica? A pequena ponta do icebergue — a intimidade; por terem retirado o problema da imagem da intimidade, por terem retirado o problema da retidão que se prendia com a intimidade; por terem retirado o problema da necessidade da carência que se prendia com a intimidade. Agora dispõe deste pequenino problema chamado *intimidade* que conseguem resolver com toda a facilidade.

E é por isso que querem controlar as vossas falhas, os vossos bloqueios por ordem ascendente — desde o mais fraco até ao mais forte, por o vosso obstáculo mais significativo encerrar componentes de cada um dos obstáculos menores independentemente da quantidade que exista. E se pegarem no menor e começarem a eliminar sistematicamente essas porções à medida que avançam, até que o problema final não implique mais que um pequeno pulo — Puf! — ele desvanece-se. Porque, caso contrário, estarão a bater com a cabeça contra a parede, e irão sentir-se mal e irão sentir-se repugnantes e têm consciência disso. Por isso, o primeiro passo passa por identificarem os vossos panos de fundo e tratar deles por ordem ascendente.

O segundo passo: Precisam livrar-se de todas as relações do passado.

"Ah, mas, isso vai demorar muito tempo!" (Riso)

Podia sim, mas apostamos que irá levar menos tempo do que aquele que despenderam. (Riso.) Que outras relações terão convosco próprios, desde que nasceram? Alguns de vocês que se encontram na casa dos vinte e trinta sentir-se-ão muito convencidos, mas os que estão na casa dos sessenta e setenta sentem que isso possa vir a durar para sempre, por vocês terem montes de relações convosco próprios. Precisam sentar-se com uma folha de papel. Não precisam detalhá-las por parágrafos extensos, mas precisam listá-las todas.

"Aqui estão as diferentes relações que tive comigo próprio ao longo dos anos. Pode levar-me uma semana e meia só a anotá-las. Mas por poder despender vinte minutos aqui e trinta acolá deixa-me rever aqui esta lista. Descubro que ao longo desses quarenta anos (média) estas tenham sido todas as relações que tive comigo próprio. Agora, que relações tive com o meu mundo? Talvez não tenha tido tantas com o meu mundo como comigo própria por não ter tomado consciência do mundo, senão até muito mais tarde na vida. Onde estarão essas intimidades? Qual terá sido a relação que tive com o mundo? Que relação tive com os demais? Tive uma relação com a minha mãe; com diferentes tipos de gente significativa (não referimos as relações de cariz sexual por não estarmos aqui a falar do complexo de Édipo) mas estamos a falar da relação que têm com a vossa mãe, com o vosso pai, com os vossos irmãos, primos sobrinhos e sobrinhas — com a família. E os professores da escola, amigos da infância, amigos da adolescência, do liceu, da faculdade, professores… tantas relações!"

Têm, sim senhor! Mas obviamente estamos a falar de um nível de importância. Vocês têm relação com o polícia de trânsito, mas essa é uma relação que se cinge a um mero aceno de cabeça, não é? Podem-na deixar de lado, está bem? (Riso.) Quando dizemos todas as vossas relações, referimos tudo quanto seja significativo. Não estamos a falar de casos de cariz sexual, mas de relações.

"E qual tem sido a relação que tenho com o meu Eu Superior? Que série de relações tenho tido nesse capítulo? Algumas têm sido de amor, outras de ódio, outras de medo, outras ainda de dúvida, preciso apurá-las. Pode-me levar um tempo a listar essas relações."

Todas as relações principais, mas as significativas, obviamente, por elas se situarem no caminho do desenvolvimento a conseguir daqui por diante. O passado está a atravancar o vosso futuro. E ao observarem essas relações, que é que fazem? Sugerimos que aquilo que fazem é observá-las e ver quais são as que constituem a conclusão ou pano de fundo que terá estragado tudo; qual dessas linhas de fundo. Provavelmente é a mesma em muitas delas, pelo que essa parte

não irá revelar-se difícil. Qual das linhas de fundo terá dado cabo de tudo na relação que eu tinha com o mundo? Qual delas terá estragado tudo na relação que eu tinha com os outros? Vão descobrir que não varia muito. Vão descobrir que muitos do passo 1 constituem as vossas principais linhas de fundo que exatamente estragaram a coisa aqui, mas precisam compreender ou ver como. E depois sabem o que precisam fazer? Precisam perdoar a vós próprios, e perdoar-lhes. Perdoar a vós próprios:

"O meu primeiro casamento foi péssimo, e isso ficou a dever-se a esta ou àquela razão. Eu perdoo-me a mim própria por isso… Mas, precisarei mesmo?" (Riso.)

Não precisam, mas se querem desenvolver a relação fundamental é aconselhável que também lhe perdoem e o ou a libertem da vossa vida. Porque em última análise foram vocês que a criaram; em última análise foram vocês quem escreveu o roteiro. Foram vocês quem lhes forneceu as palavras a proferir. Em razão do que: —

"Sim, talvez eu me tenha irritado e expressado aquilo, mas perdoo-me e perdoo-lhe e liberto-o a ele ou a ela."

Precisam libertar todas as relações significativas passadas! Isso poderá levar-lhes uma, duas, um mês, dois ou três semana, ou mais. Mas conforme dissemos, é muito menos tempo do que o que desperdiçaram na tentativa de descobrir a relação fundamental. Duvidamos que lhes vá levar assim tanto tempo. Vai ser mais ligeiro se conseguirem um pouco aqui e um pouco ali… Isto não é uma maratona extenuante. Então irá (…) convosco; vão ver, vão compreender, vão ser capazes de tratar disso.

O terceiro passo: Precisam descobrir e soltar aquilo a que chamamos o Objetor em vós — a parte de vós com que se opõe a que tenham uma relação de afeto. Cada um de vós criou um pequeno monstro, um pequeno gremlin que representa o objetor em vós, cuja única função é a de os proteger da relação. Pode ser a criança, pode ser o adolescente em vós, pode ser o ego negativo ou o parente *(crítico)* em vós; poderá ser pequenas porções de cada um deles. É um pequeno monstro, um pequeno gremlin que criaram, a que nós chamamos o Objetor. A vossa salvaguarda, a parte de vós que diz:

"Ding, ding, ding, estás perigosamente à beira de criar uma relação!" (Riso)

… e que possui um poder imenso para se assegurar de que não o façam. Vocês têm um objetor, e precisam descobrir esse objetor por ele se achar

presente. E a melhor maneira de o descobrirem passa por fazerem uma meditação num aposento convenientemente escurecido, cientes de que o vosso objetor se encontra algures por ali. Não, não pensem que está por perto por isso lhes ir levar muito tempo. Comecem a acender as luzes. Já não estiveram num estádio à noite, com aquelas barreiras enormes de luz que tenham parecido equipes de construção na ponte Golden Gate a ligar aquelas luzes de halogénio tão brilhantes que parecem mais brilhantes do que o dia?

Comecem a acender luzes, *bam, bam, bam*, barragens de luz, enormes salpicos de luz até ficar tão brilhante que o gremlin se torne visível. Essa pequena coisa que vocês criaram, talvez quando estavam com cinco anos, talvez quando estavam com dez anos, ou treze ou catorze, ou possivelmente a seguir ao primeiro caso amoroso que tiveram que azedou, ou a seguir ao primeiro casamento, quando se sentiram seriamente ofendidos. Vocês criaram esse pequeno gremlin, esse objetor, e precisam entrar em contacto com ele. E a melhor maneira de o descobrir é acendendo as luzes porque o gremlin é tão escuro quanto uma sombra. Mas à luz ele vai aparecer.

E quando descobrirem que é que fazem? Agradecem-lhe, por os proteger de todas essas relações, por ser isso que queriam que ele fizesse, e o ter feito na perfeição, de uma forma soberba. Impediram-nos de se envolver em qualquer tipo de intimidade, proximidade, relação de toda natureza, e de uma forma diligente e excelente. Agradeçam-lhe! Agora já não precisam mais dele. Descubram o motivo por que precisavam e então abram mão dele. Soltem-no. Assim, o terceiro passo.

O quarto passo: Escolham dos quatros componente aquele com que querem começar. Escolham um — qual? Mas, conforme iremos falar, após o intervalo, de como poderão trabalhar com ele, irão trabalhar de forma única — por cada componente ser único e independente porém interligado, e por existirem diferentes modos de trabalhar com cada um desses quatro componentes. Assim, com qual querem começar? Escolham, e comecem por esse; se fracassarem, escolham outro. Se forem bem-sucedidos, ótimo! E a seguir escolham outro. Mas escolham a área em que vão trabalhar e então trabalhem com ela.

Quinto passo. Assim como vocês abandonam o objetor, agora queremos que vocês criem um aliado, um defensor. Um pequeno elfo, uma pequena fada, um pequeno amigo invisível, um pouco maior que o objetor, que agora seja vosso aliado, que vai trabalhar e fazer tudo quanto tiver ao seu alcance para criar

uma relação de amor assim como o objetor fez tudo está quanto tinha no seu poder para os impedir de a conseguir.

E vai ser composto por pedaços da criança, do adolescente, do adulto em vós, do vosso ego, positivamente — disto, daquilo e daqueloutro, e vocês vão montar esse composto de uma pequena coisinha, esse pequeno aliado vosso, esse vosso campeão que fará tudo ao seu alcance — que é muito! — para garantir que vocês tenham relações de amor. Por conseguinte vocês criam um aliado, um defensor de relações de amor.

Em sexto lugar, ao libertarem todas as vossas relações antigas, vocês abraçam o entusiasmo e a expectativa de novas: —

"Bom, eu fiz tudo isso mas não sei como trabalhar e depois tentar, estás a ver, não sei..."

"Pois, estou muito entusiasmado com isso. Espero, espero que provavelmente corra bem."

Isso não vai funcionar, não é? Isso não vai funcionar.

Vocês precisam: —

"Ei, isto vai resultar. Estou animado, por finalmente ir acontecer. Talvez não esta parte, mas as partes nas quais estou a trabalhar, e que vou guardar até alcançar a perspetiva certa, e que eu vou desenvolver. Estou a ficar entusiasmado com isto, posso vê-lo, consigo entendê-lo, estou a ficar entusiasmado e espero que funcione e vou abraçar esse entusiasmo, vou abraçar essa expectativa."

E esse é um passo importante — um passo importante nesta dança para criar a relação fundamental. E, finalmente e em sétimo lugar, ao começar a gerir as vossas linhas de fundo, vocês concluem utilizando os vossos pontos fortes, ou poderes, por ordem decrescente.

Significado: Comecem com a vossa maior força e desenvolvam-na como consciência e uma ação, e depois prossigam para a vossa força seguinte, e depois para a seguinte, e assim por diante, porque o que acontece é que assim que vocês atingirem a força menor ela vai assomar-se maior. À medida que vocês usarem a vossa força maior e trabalharem com ela, ela irá aumentar a força seguinte e fará com que ela se torne mais forte.

Então, quando trabalharem com essa, ela contribuirá para a terceira, a força mais fraca e ela torna-se mais forte, e vocês contribuem para a quarta e a

quinta ou qualquer uma que tenham, à medida que vocês trabalharem com os vossos pontos fortes por ordem decrescente, do maior ao menor. Quando vocês chegarem à menor, ela torna-se numa força significativa com que poderão trabalhar.

Assim, à medida que vocês estabelecerem as vossas linhas de fundo por ordem crescente, vocês processam as vossas forças (pontos fortes) por ordem decrescente. E se vocês seguirem essas etapas, criarão primeiro um componente, depois outro, depois o seguinte e, finalmente, aquele que for para vós o último, o mais difícil dos quatro componentes da matriz. E terão criado a sinergia, a magia, a alquimia da relação fundamental.

E com isso vamos fazer com que vocês façam uma pausa. Neste intervalo, queremos que vocês façam as coisas que fazem durante os intervalos, mas também queremos que pensem sobre as vossas linhas de fundo — a sério. Não contem a ninguém, apenas pensem para convosco próprios. Depois, quando começarmos de novo, começaremos com a meditação que é simples, mas potente. Descobrir o vosso objetor, a vossa linha de fundo e começar a criar o vosso aliado e defensor, para cuidar dessas etapas por vós.

Em seguida, veremos como vocês lidam com cada um dos quatro aspetos únicos da relação fundamental — vós próprios, o mundo, o outro e a vossa espiritualidade. E vamos concluir analisando os pontos fortes, os vossos poderes, por a maioria de vós ter estado muito focada no seu crescimento e no que têm de errado convosco — que tem sido importante. Mas agora é hora de começar a ver o que está certo convosco — o que também é importante. Olhar para os poderes e então concluir com uma fusão, para colocar em vós tudo o que referimos, que é uma quantidade imensurável de informação, esta noite, como sementes que hão de germinar.

(Meditação não transcrita)

Tudo bem, e enquanto vocês estão a acomodar-se de novo, a maneira como vocês criam a relação fundamental é processando primeiro as vossas linhas de fundo por ordem crescente, revisar, perdoar e libertar todos as vossas relações passadas; descobrindo o objetor em vós e libertando-o, agradecendo-lhe e deixando-o ir embora. Escolhendo a área em que desejam trabalhar, desenvolver um aliado, um protetor, um defensor; abraçar o entusiasmo e a expectativa, a excitação, e desenvolver os vossos pontos fortes por ordem descendente do poder mais forte para o mais fraco.

Assim, aquilo que queremos ver agora é como, na quarta etapa em que vocês escolhem a área que desejam começar, como vocês vão realizar esse componente da relação fundamental. Assim, começamos por explicar como vocês trabalham para amar a si próprios. É certo que poderíamos conversar durante horas sobre esse assunto; já fizemos isso. Mas, para os fins do workshop desta noite, no entanto, queremos apenas dar-lhes uma espécie de roteiro resumido, dar-lhes os sinais atribuídos, vão por aqui, virem acolá, sigam as setas, que isso os levará até lá. Portanto, queremos abordar muito resumidamente alguns dos aspetos significativos, algumas das orientações, algumas das questões que são referência, componentes importantes.

E com cada um deles haverá basicamente quatro componentes que discutiremos resumidamente. Para se amarem, antes de mais nada, é importante saber quem vocês são pela vossa identidade e personalidade. E o que queremos dizer com isto é que vocês precisam saber quem é a criança e o adolescente que existe dentro de vós, quem eles são. Vocês precisam entrar em contacto com a criança, precisam entrar em contacto com o adolescente em vós e precisam ter uma noção deles. Vocês têm memória, certamente, e isso pode ajudá-los, mas quando entram em contacto meditativamente, como é a criança que há em vós? Quais serão os receios, as dúvidas, a felicidade, as alegrias, esperanças, sonhos, expectativas que tem? Quais são as suas fraquezas e fantasias? Permitam-se conhecer essa criança e conhecer o adolescente que há em vós, para que vocês possam saber quando a criança, quando o adolescente está a falar por vós, para que vocês possam identificar esse vosso aspeto, essa personalidade em vós.

Conheçam o perdedor. Saibam como é o perdedor. Como o perdedor choraminga, e suspira e acomete, e emprega todas as desculpas, culpabilização e defesas do perdedor. Conheçam o perdedor. Familiarizem-se com o aspeto do perdedor. Assim, quando o perdedor estiver a falar, vocês poderão identificar: "Este não sou eu, este é o perdedor."

Mas também de modo a conhecerem igualmente o vencedor. Saibam como é o vencedor em vós. Como é que ele ou ela fala? Que tipo de coisas acontecem com esse vencedor? E conheçam igualmente o vosso ego. Tanto o ego negativo, como ele lhes promete a lua e não lhes dá nada. E conheçam também o vosso ego positivo, que pode ajudar de maneira positiva. Obtenham noção, aprendam, entendam, para poderem identificar os aspetos, as personalidades que estão aí. E entendam do mesmo modo onde você estão a ser mártires e quando estão a ser poderosos. Tenham uma noção dos aspetos daquele que vocês são — todas as diferentes personalidades, todos os

diferentes aspetos que compõem essa identidade, que são vocês. E à medida que vocês se familiarizam com eles, à medida que os entenderem — os pontos positivos e os pontos negativos — vocês poderão tratar de se amar e trabalhar com o amor por vós próprios.

Em segundo lugar, comecem a trabalhar de modo específico. Não lamentem apenas o facto: "Ah, eu ainda não me amo o suficiente…" Façam algo a respeito. Sigam as etapas específicas. Agora, conhecemos claramente que em grande parte do mundo metafísico os vossos problemas:

"Precisas ter amor por ti próprio. Olha só, não ficas impressionado com este conhecimento?"

Vocês já sabiam disso. Dizer a vós próprios de novo, ou dize-lo muitas e muitas vezes, vai fazê-lo. Vocês precisam seguir etapas específicas. Há livros nas livrarias, se vocês os descobrirem, e se vocês não os acharem adequados, na verdade falamos disso em inúmeras cassetes e, na verdade, em um capítulo inteiro da 'Jornada do Sagrado,' dedicado à questão desse tema do amor, para começarem a vossa jornada, a vossa jornada sagrada. Peguem-lhes, mas não os leiam apenas. Não ouçam a cassete apenas, façam-no. Comecem especificamente.

"Oh, eu devia ter feito isso há muito tempo."

Tudo bem, talvez isso seja verdade. Adiar mais a coisa não a vai melhorar. Comecem agora, se é por aí que vocês vão começar, e trabalhem realmente com cada um dos componentes do *dar*, do *responder* e do *respeitar*, etc. Para produzirem a segurança, o prazer, a vulnerabilidade, a honestidade e a confiança, etc. Isso é tudo quanto o amor envolve. Desenvolvam-nos, sigam as etapas específicas, absolutamente. Esse é o número dois.

Terceiro, desenvolvam o valor. Comecem a valorizar-se e atribuam esse valor ao adulto em vós, não ao vosso ego. Vocês dispõem da escolha, o vosso ego nunca aceita nada, exceto aquilo que lhe é dado. Por conseguinte, se vocês se sentirem bem convosco próprios, vocês escolhem: —

"Vou atribuir isto ao meu ego negativo e sentir-me melhor, ou vou atribuí-lo ao adulto em mim e sentir-me poderoso."

A escolha é vossa. Nenhum dos dois aceitará, exceto aquilo que vocês lhe atribuem. Comecem a valorizar-se e a trabalhar o valor, trabalhem o desenvolvimento da vossa consciência do vosso valor, a vossa estima, a vossa confiança, o vosso respeito e a vossa realização. Assumam-no diretamente. Assumam-no especificamente. Levem isso a sério e desenvolvam-no.

E o quarto sinal no caminho, a quarta direção — amar a vós próprios é estabelecer a vossa prioridade espiritual — onde quer que seja. Se a vossa espiritualidade for o número um na vossa vida, então digam a verdade a vós próprios e deixem que seja o número um. Mas se não for, então digam essa verdade a vós próprios de igual modo. Não é ruim nem errado.

"Não estarei a ser terrível?"

Não!

"Na verdade, olha, a espiritualidade é importante, mas com um caraças. Isto, isto, isto vem primeiro. E depois então está a minha espiritualidade!"

Tudo bem! Mas digam a verdade a vós próprios. Coloquem a vossa prioridade espiritual no seu lugar. Em primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, décimo ou centésimo, onde quer que seja. Não mintam nem o relativizem. Digam a verdade a vós próprios.

"Que lugar será?"

E coloquem-na lá. Se vocês quiserem movê-la mais tarde, tudo bem. Mas coloquem-na onde quer que ele pertença. E digam a vós próprios essa verdade. E se vocês trabalharem a vossa identidade, trabalharem especificamente o amor, trabalharem especificamente o valor e estabelecerem a vossa prioridade espiritual, vocês conseguirão, nesse quarto passo, uma relação de amor convosco próprios.

Para desenvolver uma relação com o mundo, que colocamos em segundo lugar, há diferentes coisas a fazer, diferentes sinais no caminho, diferentes curvas, diferentes corredores a seguir. O primeiro deles é começar a buscar os aspetos positivos do vosso mundo, sem ignorar os negativos. Não estamos a dizer para enterrarem a cabeça na areia ou ser uma espécie de tingimento otimista com que me recusarei a lidar com o facto de que o mundo tem os seus problemas — não. Admitam os problemas, enfrentem os problemas, sem

dúvida, mas olhem igualmente para o lado positivo. Procurem que o mundo seja um lugar amigável. Quanto mais vocês tentarem que seja um lugar amigável, mais ele será um lugar amigável.

Comecem a mudar as crenças que têm sobre o mundo. Ter crenças mais positivas sobre como poderá ser e como está a tornar-se um lugar de maior amor, um lugar amigável. Vocês podem encarar os terremotos como aterrorizantes e devastadores, assim como podem constatá-los e considerar —

"Olha, ninguém morreu. Provocou uns quantos danos, sem dúvida, dólares e centavos, que podem ser impressos, mas ninguém morreu! Isso é milagroso, é maravilhoso, embora eu não goste de terremotos e não queira encorajá-los, a menos que libertem a pressão de maneira adequada. Mas também vou olhar para o lado positivo do meu mundo. Quando vejo conflitos e ouço falar de injustiças e transgressões — vou senti-lo sim, mas também vou ver onde a vida é bela, onde é maravilhosa, no que é que estou a lidar com um mundo amigável."

Esse é o primeiro passo. Segundo, assumam um pedaço do mundo como responsabilidade pessoal. Existem problemas. Não sejam um daqueles 'metafísicos,' entre aspas, que diz:

"Isso não é preocupação minha. Eles estão a criar isso, e isso é problema deles."

Sejam, em vez disso, um metafísico que diz:

"Sim, eles estão a criar e eu estou a criar e vou causar impacto; e quero estabelecer uma diferença positiva e, portanto, vou assumir a responsabilidade por um pedaço do mundo."

Sugerimos isso há alguns anos. Sugerimos isso há uns anos atrás. Sugerimos continuamente que, enquanto metafísicos, vocês não se divorciam do mundo, não se colocam em nenhuma posição de indiferença por estarem acima de toda essa coisa mundana. Vocês são físicos, admitam-no. Vocês estão num mundo, admitam-no, e ele é criação vossa. Comecem a assumir a responsabilidade. Mas vocês não podem ser responsáveis por tudo de uma vez. Digam a vós próprios a verdade —

"Olha, vou pegar pedaço a pedaço e definir uma área. Talvez opte pelo clima, talvez escolha a seca como o problema específico pelo qual me sentirei responsável.

Talvez escolha terremotos, talvez escolha crises económicas, talvez escolha desastres em nações do terceiro mundo, talvez escolha lutas e violência aqui. Talvez escolha acidentes aéreos ou desastres e acidentes que estejam a poluir o mundo. Talvez escolha estes incêndios, talvez escolha uma questão com a qual vou trabalhar, um país, uma questão, uma preocupação política, não que eu vá ditar o que deve ocorrer, mas vou assumir a responsabilidade e começar a programá-lo e processá-lo e começar a assisti-lo."

Sugerimos até mesmo manter um diário —

"Aqui está a edição com que estou a trabalhar; aqui está a situação atual…"

Leiam o jornal, assistam às notícias — ausência de alterações, de mudanças positivas, sintam isso ao recortar artigos no jornal, colocá-los no vosso caderno, no diário que mantêm ou naquele quadro…

"De um mundo pelo qual estou a assumir a responsabilidade de melhorar. E quando eu deixo a desejar, houve aqui alguma coisa que deu errado, não vou negar, tudo bem, escorreguei, mas vou reparar, vou corrigir, vou olhar mais a fundo."

Mas acompanhem e assumam a responsabilidade por uma parte do mundo em que vocês vivem, e porventura por partes mais vastas, com o tempo. Deixem-se envolver em vez de se desapegarem, nesse sentido; deixem-se envolver pelo mundo, como uma forma de desenvolver aquele amor pelo vosso mundo entre vós e o vosso eu futuro. Experimentem o vosso eu futuro. Fizemos um seminário completo sobre como entrar em contacto com o vosso eu futuro, trabalhar com ele, senti-lo, criá-lo.

E aqui está como o tornar real: vocês querem certas coisas no vosso futuro, e sabem que mais?, o vosso eu futuro quer as mesmas coisas. É por isso que é o vosso eu futuro. Juntem-se nisso, façam uma lista, 'Eu e o meu eu futuro.'

"Vamos fazer uma lista das coisas que eu quero, coisas tangíveis que eu quero, coisas emotivas que eu quero, coisas físicas, emocionais, espirituais, coisas que eu quero que sejam realizadas, para cumprir as minhas obrigações ou para me livrar daquelas que não preciso mais manter, para viver a minha vida com base no que desejo."

E a diferença aqui é que vocês tendem a olhar para o que desejam de uma forma orientada para os fins —

"Quero dinheiro, quero um emprego, quero uma relação, quero uma amizade, quero isto, quero aquilo, quero aqueloutro."

O vosso eu futuro tende a olhar para essas coisas de uma forma orientada para os meios, para aquilo que isso lhes vai proporcionar.

"Eu quero dinheiro."

Mas o eu futuro quer a segurança, a proteção, o poder, o impacto, a influência que esse dinheiro pode trazer.

"Quero ganhar este prémio."

Mas o eu futuro deseja o agradecimento, o reconhecimento, a resposta da excelência, a alegria, a sensação de realização que isso traz.

"Eu quero um carro novo."

Mas o eu futuro quer tudo o que isso representa para vós, os meios, a alegria, a maravilha, a elegância de o ter, e à medida que vocês e o vosso eu futuro combinam as vossas listas, e à medida que vocês começam a desenvolver os meios para atingir esses fins:

"Eu quero isto, e o meu eu futuro diz-me que eu queria a alegria, a felicidade, o sucesso, quando começo a concentrar-me na alegria, na felicidade e no sucesso, quando começo a concentrar-me nos meios com que o meu eu futuro me pode ajudar, os fins virão."

À medida que vocês se concentram nos meios, os fins virão, eles têm que vir, não há escolha, eles vêm. À medida que vocês se concentram no que significa sucesso e nos meios para obter sucesso, o sucesso far-se-á presente. Se vocês se concentrarem nos meios do que é abundância, o resultado final, a abundância far-se-á presente.

Trabalhem com o vosso eu futuro, gerem-no, sintam-no e trabalhem os dois juntos. Essa é a terceira maneira de trabalhar com o vosso mundo e com o vosso eu futuro para criar essa relação de amor.

E o quarto passo passa por confiarem nos pontos fortes ou forças de cada um. Quais são os vossos pontos fortes agora? E quais serão os pontos fortes do vosso eu futuro, forças que vocês ainda precisam desenvolver? E enquanto vocês trabalham juntos, o vosso eu futuro a confiar nos seus pontos fortes e vocês nas forças do vosso eu futuro, enquanto vocês seguem de mãos dadas, juntos irão usar as forças um do outro para criar essa relação de amor. Na verdade, vocês darão por vós num caso de amor com o vosso mundo, entre vós e o vosso eu futuro.

A terceira área é a que mais os fascina, que é o amor de outra pessoa. Bem, mais uma vez, falamos muito sobre isso em muitas cassetes diferentes e muitas formas diferentes de comunicação, pelo que não vamos cobrir tudo, certamente. Queremos, todavia, apontar quatro fundações de uma relação de carinho que funciona. E se estabelecerem nas relações que vocês têm esses alicerces, ou na relação que vocês antecipam, vocês comprometem-se a estabelecer esses quatro aspetos, esses quatro alicerces, vocês terão uma relação de amor que dá certo. A primeira passa por encarar uma relação de carinho numa base de podermos ser uma inspiração um para o outro, não?

"O que poderei eu fazer? O que poderei ser para ser uma inspiração para essa outra pessoa por quem estou apaixonada ou por quem pretendo deixar-me apaixonar?

Podem —

"Ainda não a conheci, ainda não cheguei ao ponto de o conhecer, nem estou tão perto nem tão certo disso…"

Certo. Ótimo!

Mas quando essa hora chegar, quando estiverem prontos, quando isso surgir —

"Como poderei ser uma inspiração para ele? Como poderei inspirá-la? Como poderei ser a razão para começar de novo? E se eu me sentar e analisar sinceramente, como poderei ser a inspiração dela? E enquanto ela analisar e vir como poderá ser uma inspiração para mim? Se pudermos tomar essa decisão, no nosso amor, trabalharemos conscientemente no sentido de ser a inspiração um para o outro, trataremos constantemente de ser a razão de ser um do outro."

Essa é a primeira base de uma relação de carinho. A segunda base é a focagem em: —

"Como poderei amá-lo? O que poderei fazer por ela? O que poderei eu ser? Como poderei amá-la?"

Se vocês não tiverem a certeza, perguntem.

"Se eu fizesse isto, isso levar-te-ia a sentir-te amado? Não? Ah bom, tudo bem. Que tal isto? E que tal aquilo? Isto não? Isto sim? OK. O que mais? Diz-me."

"Bem, já que precisas perguntar… (Riso.)

"Olha, procuramos ter uma relação de carinho, não um tipo de feira psíquica. (Riso.) Vamos... Diz-me o que posso fazer para que te sintas mais amada?

Perguntem e ajudem um ao outro a responder e quando o outro perguntar, digam-lhe. Mas quando lho perguntarem, escutem.

"O que é que posso fazer? Como te poderei amar melhor? Como te poderei amar mais? Como te poderei mostrar o amor que sinto por ti?

Sabem, uma relação constitui um processo de dar e receber, não é?

"Bem, eu nunca ouvi isso antes, está bem?"

Bem, o que nós sugerimos é que uma relação é um processo de dar e receber, que funciona da seguinte maneira: Vocês dão cem por cento e recebem zero por cento. E se o conseguirem: —

"É isso que vou fazer. Eu amo-te e vou-te dar cem por cento e não vou reclamar para mim. Vou receber, mas não vou aceitar. Vou dar e dar sem reservas. E não vou perguntar: 'Ela retribuiu? Ele deu em igual medida? Eu dei na segunda e depois na terça e na quarta. Ele deu na quinta, na sexta e no sábado? No domingo tirou um dia de folga, certo?" (Riso.)

Mais uma vez, isto não é uma aula de contabilidade, é um relacionamento de carinho que vocês estão a tentar desenvolver. Portanto, deem cem por cento: —

"Eu dou, e estou sempre a dar; não me estarei a martirizar?"

Não. Se vocês dão e dão e não recebem nada, dão cem e não recebem nada, essa é a segunda fundação.

A terceira fundação consiste em descobrir: —

"Como é que vou ser amado? Como será que quero ser amado? Como vou ser amado? Como vou deixar que me deem? Não vou tomar, mas vou receber. Vou receber? E, sendo assim, como é que vou receber? Como vou admitir o amor dele? E como vou ser diferente porque ele me ama? Que mudanças vou empreender por ele me amar? Esta pessoa ama-me e, portanto, vou mudar das seguintes formas…"

E à medida que vocês trabalham juntos dessa maneira, cada um de vocês está a descobrir: —

"Como é que vou ser amado? Como vou receber — não tomar, mas receber o amor? E como vou ser diferente por ela me amar?"

Essa é a terceira fundação.

A quarta fundação passa por colocarem a relação de carinho em primeiro lugar. A vossa máxima prioridade… talvez a vossa espiritualidade seja a vossa prioridade máxima, mas no mundo mundano, no mundo físico: —

"Coloquei esse amor por esta outra pessoa em primeiro lugar, acima de todas as outras prioridades. É mais importante que eu, que o meu trabalho, que os meus amigos, que a minha família, que os meus conhecidos, que o rececionista, ou a empregada, ou o balconista da loja, ou os convidados que eu possa convidar para jantar. A relação está em primeiro lugar e nós percebemos isso um no outro. Dizemos isso um ao outro, falamos sobre isso. Nós dizemos um ao outro, nós amamo-nos."

"Ora, eu disse-te isso na semana passada."

"Ah, diz-me de novo, a toda a hora, fala-me sobre isso. (Riso.) No meio de uma discussão que estamos a ter, ele disse, olha, estou aqui a discutir contigo, mas o propósito que tenho e a minha intenção e o que eu realmente quero que aconteça é que a gente se ame mais, e agora sinto raiva de ti, e agora estou com

vontade de me afastar de ti, mas o que eu realmente quero é aproximar-me de ti por realmente te amar. Porque por vezes, no meio destas discussões, tu interrogaste: 'Ele ama-me ou não?'"

Era muito difícil dizer: "Tu amas-me?" Mas por vezes podem precisar fazer isso. Mas é ainda mais importante parar no meio de tudo o que vocês estão a fazer e dizer:

"Sabes, neste momento podes não te sentir muito amada por mim, mas eu amo-te, e preciso voltar a entrar em contacto com a minha intenção, que é estar contigo para sempre, ser feliz, amar-te, dar-te, cuidar de ti. Agora voltamos porventura a discutir, mas não poderemos, de vez em quando, reforçar essa verdade que sentimos?"

Façam da relação a vossa e digam-no a vós próprios com frequência. E deixem que lhes mostremos uma vez mais, esquematicamente, um padrão muito importante. Se colocarmos… aqui estão vocês, desenhamos este círculo… e aqui está a outra pessoa que desenhamos neste outro círculo, separado. E aqui colocamos de lado a relação. Existem estas três grandezas:

"Existem as minhas necessidades, existem as tuas necessidades e existem as necessidades da relação. Existem os meus desejos, os teus desejos e os desejos da relação. E eu preciso colocar a relação em primeiro lugar, a ti em segundo, e eu em terceiro lugar. E quando tu colocas a relação em primeiro lugar, eu em segundo e a ti em terceiro, tudo se equilibra."

"Agora, aqui também do outro lado deste esquema, na posição 180 graus contrária à relação, está o meu mundo, o meu trabalho, a minha carreira, a forma como ganho a vida, a forma como me sustento. Agora, ao investires energia, tens duas opções. Podes investir energia na relação ou no trabalho. Sugerimos que te foques na relação, e a tornes na tua prioridade."

"Vou sustentar a relação primeiro, vou investir em ti a seguir. Vais sustentar a relação primeiro e depois a mim."

O que será que irá sustentar o trabalho? O mundo! Toda a gente sustenta o vosso trabalho, não será quem o sustenta, afinal? E por sua vez o trabalho sustenta-os. Se vocês criarem uma corrente de energia, em que estejam a sustentar a relação e um ao outro, vocês criam um certo sentido, vocês criam espaço, para que o vosso trabalho e o vosso mundo possam sustentá-los.

Aí vocês criam um fluxo de energia que se move nessa direção, em que o vosso trabalho, vocês dois acabam apoiando a relação, e o trabalho pode cuidar de si próprio, por haver um mundo inteiro por aí que o sustente, mas não funciona ao contrário. Se vocês decidirem: —

"Não, a minha carreira é o mais importante, vou sustentar a minha carreira, e o melhor será que sustentes a minha carreira. Portanto, a relação tem que nos sustentar, e assim criamos uma corrente de energia que vai da relação através de nós até o nosso mundo…"

Quem irá suportar a relação? Ninguém! Por o mundo não estar a observar. O mundo não está aí a torcer pela relação. Os únicos que vão torcer pela relação são vocês. Vocês vão criar uma corrente que vai ou fluir para a relação e, portanto, para vós, ou fluir para longe da relação e, portanto, definhar.

Se vocês colocarem a relação em primeiro lugar, o resto da vossa realidade seguirá, a corrente, por ter que ser assim! E por isso dizemos, esta afirmação que a princípio parece um tanto provocativa é a de que sempre primam pelo amor numa relação, o dia todo, a noite toda, façam por se amar.

"Bem, não será nem um pouco cansativo?" (Riso.)

Se vocês conceberem o amor como aqueles poucos minutos de sexo, então não estamos a querer dizer que façam sexo o dia todo. Façam por se amar, façam amor. Quando acordarem pela manhã, quando falarem, isso é fazer amor. Quando estão a preparar o café da manhã, um do outro, estão juntos. Quando se vestem, quando se preparam para sair pela manhã, quando vocês conversam, quando partilham os vossos sonhos ou pesadelos, ou o que quer que estejam a fazer durante a noite, isso é fazer amor. Quando vocês ligam um ao outro durante o dia: —

"Só liguei para te dizer olá, ver como passas e dizer que senti a tua falta."

Isso é fazer amor. Quando vocês compram um ramo de flores de um daqueles vendedores na beira da estrada isso, nesse sentido, é fazer amor. Quando vocês compram um cartão que apenas diz: ' Olá, estava a pensar em ti, e em como te amo.' Isso é fazer amor. Quando vocês chegam a casa e se cumprimentam ou ligam um para o outro. Quando vocês ficam sentados a ver televisão, de mãos dadas, ou sentados próximos um do outro; quando leem um

livro, livros distintos, até mesmo quando estiverem juntos na sala. Enquanto vocês ouvem o vosso disco favorito ou passam um tempo com convidados num jantar, etc., encaro tudo isso como fazer amor. Ah, pois, e então, de vez em quando, levem igualmente esse ato de amor até à fisicalidade do sexo, se usarem desse tipo de intimidade. Mas ver que vocês possam ter uma relação com alguém com quem vocês amem o tempo todo e que não seja um amor de natureza sexual.

Mas, no sentido particular a que aludimos, façam amor o tempo todo. Algumas pessoas podem fazer sexo e isso pode ser fazer amor; já outras podem fazer sexo e somente sexo. É um instinto honrado. Façam amor o tempo todo. Vejam tudo o que vocês fazem, cada toque, cada olhar, cada palavra, como uma forma de dizer 'eu amo-te'. E à medida que vocês tomam a posição do quarto canto, isso criará a fundação de uma relação que funciona, fazendo amor, expressando esse amor, fazendo-o, criando-o a toda a hora.

A quarta arena que vocês podem escolher é com o vosso Eu Superior e com Deus-Deusa-Tudo o que É. A quarta pedra angular primeiro — desenvolvam um relacionamento com o vosso eu superior de maneira personificada. Conforme referimos na "Jornada do Sagrado," conforme referimos na cassete de vídeo sobre como lidar com o vosso eu superior, personificado. Entrem em contacto com o vosso eu superior e transformem-no numa pessoa, geralmente do mesmo sexo, mas não obrigatoriamente. Façam disso uma pessoa e dêem-lhe um nome, não o tratem por 'meu E. S.' (riso). Agora, vocês não gostariam de ser tratados, bem, esse é o meu E. S., o meu ser humano, vocês gostariam de ser tratados pelo vosso nome; assim, deixem que o vosso eu superior ter um nome, não precisa ser o vosso, geralmente é, mas dêem-lhe um nome, e não só E. S.

"Entrei em contato com meu E. S. hoje. E o meu E. S. disse. . ."

Deixem que se torne real, personificado, número um. Não é a totalidade do vosso eu superior; vocês possivelmente não conseguiriam lidar com a totalidade do vosso eu superior. Isso haveria de os fritar, de modo que vocês tocam um pedaço dele, uma parte dele, e atribuem-lhe personificação — primeiro passo. Passo dois, passem algum tempo juntos. Criem um espaço que seja: —

"Um espaço nosso, meu e do meu superior, onde nos encontramos, que não revelo a ninguém, nem descrevo a ninguém. É nosso, e encontramo-nos nele, e permanecemos juntos. Talvez caminhemos pela praia, talvez joguemos xistos num lago, talvez colhamos relva alta e a mastiguemos, talvez apenas caminhemos por

uma estrada empoeirada de campo, chutemos uma lata de coca-cola ou uma pedra. Talvez possamos pescar juntos e apenas ficar juntos a observar o movimento do mar a subir e descer. Talvez apenas caminhemos pela floresta ou sentemos perto de uma cachoeira. Eu não exponho todos os meus problemas, apenas saímos juntos, apenas passamos um tempo juntos, apenas isso."

Em terceiro lugar, partilhem as vossas criações, trabalhem juntos os vossos processos, as vossas programações, as vossas esperanças, os vossos sonhos, os vossos desejos; trabalhem juntos, partilhem para que quando acontecer vocês partilharem o sucesso, vejam o que fizemos, partilhem o vosso processo, as vossas criações. E em quarto lugar, partilhem o vosso empenho, partilhem o empenho um com o outro. Falem sobre isso com o vosso eu superior, o quanto vocês amam, o quanto vocês se importam e, como num relacionamento de um para com o outro, façam amor o tempo todo.

Bem, se vocês seguirem essas diretrizes com os mecanismos de apoio que proporcionam, e escolherem primeiro a área e depois a segunda, depois a terceira e a quarta, quando juntarem tudo vocês terão criado a relação definitiva. Levará tempo, mas como dizemos, menos do que vocês desperdiçaram.

A última questão que queremos discutir, e queremos apenas discutir de modo resumido, queremos apenas apresentar-lhes algumas ideias aqui, não em profundidade, mas apenas observar as forças, porque vocês precisam entrar em contacto com as vossas forças, vocês precisam senti-las, e a maioria de vós, conforme dizemos, nem sequer tem ideia do que é uma força, por se concentrarem por tanto tempo e tanto terem sido condicionados a jamais considera-las.

Existem 14 forças. E cada combinação potencial, diferença no termo, se enquadra de facto nas 14 categorias deste ano. E elas têm uma relação particular e única entre si, o que queremos apenas mostrar aqui. Vamos colocá-las desta forma por elas tenderem a desenvolver-se por esta ordem.

A primeira força é a da criatividade, essa é uma força — ser criativo; ter consciência disso e da ação — porque todo poder constitui uma consciência e uma ação. A criatividade é a consciência, e a produtividade é a ação. Ser criativo e não fazer nada com isso é uma força impotente. Ser produtivo sem ter criatividade é uma ação vazia. O ponto forte é a consciência da vossa criatividade e da produtividade que dela advém.

A segunda é o discernimento, o discernimento de valor; o discernimento de valor e a sua ação correspondente passa por terem opinião e avaliação. Mais uma vez, foram condicionados no sentido de não ter opiniões, não avaliar, aceitar apenas tudo com base numa fé cega. E nesse sentido, não é uma força. Vocês precisam discernir o valor, ser capazes de discernir e, portanto, agir de acordo com esse valor, ter opiniões, ser opinativos e ter valores com base no que possam avaliar. Vocês não precisam julgar, não estamos a dizer para julgarem, estamos a dizer para terem opiniões e formularem avaliações.

A terceira é coragem. Coragem é uma força. A coragem é uma força e essa ação entre muitas que vamos sugerir que a sua ação é intimidade, ser íntimo, o que exige coragem e essa é a consequência da sua coragem — a intimidade.

A quarta é o perdão, o perdão e a ação correspondente é a de perdoar.

"Eu perdoo, mas farei alguma coisa com isso?"

Perdoar representa a ação.

A quinta, por estar relacionada com a terceira, é a curiosidade, a curiosidade. E sugerimos aqui que o intelecto, a inteligência é uma força, e elas unidas, a curiosidade levada em frente é o intelecto.

A sexta força é a da empatia, ser empático é uma força, corresponde ao discernimento ao nível emocional, e a sua ação correspondente é a atenção, a importância sincera.

A sétima força é a da imaginação e a sua ação correspondente é a vontade. A sua ação é a vontade, a ação da vossa imaginação. Agora, isso em si representa um processo completo. A consciência da criatividade, do discernimento de valor, da coragem, do perdão, da curiosidade, da empatia e da imaginação. E tem as ações correspondentes da produtividade, opinião, avaliação, intimidade, perdão, inteligência, carinho e vontade.

E a primeira, a criatividade está relacionada com a sétima, a imaginação. A segunda, o discernimento a nível intelectual diz respeito à empatia ao nível emocional. A coragem e a curiosidade estão intimamente ligadas ao perdão, mantendo-se no meio. São sete, um processo de poder.

Agora há mais sete e essas sete criam uma imagem refletida, uma imagem espelhada das primeiras sete. Se olharmos para um pedaço de giz aqui que seguramos com uma ponta apontada para a outra, se colocarmos um espelho aqui então tem este aspeto, não é? O ponto vem primeiro e depois a extremidade plana por último. Assim, criamos a imagem espelhada aqui e vamos precisar mover-nos para conseguir isto.

A imagem espelhada da imaginação e da vontade é o sonho. A capacidade de sonhar é uma força e a ação correspondente é a da visão. Colocar em prática o sonho e ter uma visão. Essa é a oitava.

A nona força é a do humor. Não apenas ser capaz de rir de uma piada, mas ter senso de humor, ser capaz de criar humor. E essa é uma força que nem todo mundo tem. Algumas pessoas têm senso de humor, podem ser engraçadas, podem criar humor, outras podem simular escárnio. Outras podem rir das piadas, mas ter senso de humor, não às custas de outro e magoar alguém, mas criar humor com integridade. O que, como vocês percebem, corresponde à empatia e à atenção em todos os aspetos, ao humor, à integridade.

O poder seguinte é o da liderança. A liderança constitui um poder, ser líder é uma força que nem todo mundo tem. Não significa a quantidade de seguidores, não é assim que vocês medem a vossa capacidade de liderança, não é por títulos, é por objetivos. E a ação correspondente é a do impacto, a da disposição de admitir e de causar impacto. E isso corresponde à curiosidade, ao intelecto, à liderança, ao impacto.

Enquanto esta é a oitava é o sonho, a nona é a do humor, a décima é a da liderança, a décima primeira é o do amor. Saber amar é uma força e a sua ação correspondente consta de receber, dar e ser amado. Corresponde aqui ao perdão, mas perdoar, perdoar, amar, receber, dar e ser amado. 8, 9, 10, 11.

A 12ª força é a da comunicação, ser capaz não só de falar, mas de comunicar. Comunicar, por conseguinte, a sua ação correspondente é a da mudança — produzir mudança ou inspirar o que vocês quiserem. Coragem, ser íntimo, mas comunicação reduzida, que inspire.

A 13ª força é mais uma vez a do discernimento, a da estética perspicaz, da estética perspicaz — a beleza, o equilíbrio, a simetria. E a sua ação correspondente é a da espiritualidade — viver uma vida espiritualmente, não

apenas da boca para fora, não apenas por pensamento, mas vivida. Discernir valor com opinião e avaliação, discernir estética com espiritualidade.

E a 14ª força é o que chamamos de paixão pela compreensão. E a sua ação correspondente é a da compaixão pela sabedoria, criatividade, produtividade — uma paixão pela compreensão e uma compaixão pela sabedoria.

Isto em si constitui um processo completo, desde os sonhos até à paixão pela compreensão. Do humor até à apreciação ou discernimento da estética. Da liderança e comunicação, com o amor pelo meio. Desde a visão até à compaixão da sabedoria. Desde a integridade até à espiritualidade. A aprendizagem do seu impacto na mudança com o amor no meio. 14 poderes de conscientização e ação. Uma dupla imagem espelhada relativa a si própria, construindo sobre si mesma, a 14ª força.

Vocês têm muitas dessas forças, precisam decidir quais são, e não apenas decidir a consciência, mas agir. Esse é o último passo na ordem decrescente da vossa força maior, a força inicial na criação da relação fundamental.